

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORA: PROF<sup>a</sup> JÚNIA FERREIRA FURTADO

ANNY TORRES

ENTREVISTADO: JOSÉ FEROLLA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 15/05/92

### Entrevista - fita 1 - lado A

**AT:** Hoje é dia 15 de Maio de 1992, nós estamos entrevistando o sr. José Ferolla.

**Juf:** Tio Ferolla, primeiro, a gente queria um pouco que o senhor falasse: nome, onde nasceu, os pais.

**JF:** //Pois não!!/ Meu nome todo é José Ferolla. Eu nasci em, num lugarejo na Zona da Mata, cujo nome é Conceição do Turvo. Conceição em homenagem a Nossa Senhora da Conceição que era padroeira, e Turvo pelo rio. Ultimamente foi transformado em município, e tem o nome de Senador Firmino. É um vago senador que ninguém... Eu, eu e o Aluizio Leite Guimarães procuramos pesquisar para ver quem é, por que é que eles puseram esse nome lá na nossa cidade e não conseguimos saber. No dia 10 de maio, de 1901.

**Juf:** E os pais, quem eram os seus pais?

**JF:** Os pais? Meu pai é Nicolau Ferolla, italiano, nascido em Santa Bárbara, município de Salerma. A minha mãe é brasileira, filha de italiano com português, nascida na cidade de Pomba, na Zona da Mata também.

**Juf:** E irmãos, o senhor tinha irmãos?

**JF:** Irmãos, nós fomos oito irmãos. Cinco homens e três mulheres. Quer que cita os nomes?.

**Juf:** Qual a ordem?

**JF:** O primeiro, vou pela ordem, o primeiro é João, o segundo Clotilde, o terceiro foi Domingos, quarto Maria, quinto Humberto, sexto, depois do Humberto foi a Antonieta, Antônio e eu.

**Juf:** O senhor era o caçula?

**JF:** É, eram quatro. O interessante é que lá era um homem e uma mulher, um homem e uma mulher. De maneira que quando minha mãe estava grávida, eles já tinham pensado até o nome para o neném [risos]. Quando eu, fugi à regra, não é?

**Juf:** E o que é que os seus pais faziam no interior?

**JF:** Meu pai era comerciante. Comerciante no interior. Comerciante no interior, às vezes você não sabe, mas o comerciante no interior, eles têm um armazém que tem tudo. Eles costumam até anunciar, muito pitorescamente: vende-se chapéu de sal [ou sol] e de cabeça [risos].

**Juf:** E como que era a vida lá, na sua cidade?

**JF:** - A vida, ela, era uma vida muito pacata. A vida era praticamente religiosa, tudo girava em torno da religião. O padre era um padre muito piedoso, trabalhava muito para ajudar. Tanto que no lugar tinha uma igreja bonita, no largo da Matriz. Igreja que era uma réplica da, da, dos "aleijadinhos" de Congonhas, não é? Tem várias, tem um adro com várias figuras dos apóstolos. E tinha um comércio no arraial, era um comércio comum. E as festas religiosas, que o padre multiplicava as festas religiosas, era mês de Maria, Semana Santa. Ele não perdia um dia santo, estava sempre promovendo a festa. A vida no lugar era uma vida muito pacata. Tinha os moradores do lugar e os fazendeiros. Os fazendeiros que moravam nos arredores, eles tinham fazendas, mas todos eles tinham casa na cidade no arraial. De maneira que nestas festas religiosas eles compareciam sempre. Era a vidinha daquele lugar. Eu vim de lá moço, com dezesseis anos. Fui uma criança que viveu uma vida um pouco diferente da vida das outras crianças, porque eu era o caçula, a minha mãe tinha muito cuidado comigo, não permitia que eu saísse pelas ruas para brincar com os meninos da rua. Me lembro que eu fiquei muito preso, vivia mais em casa estudando e vivendo a vida de família, não é?

**Juf:** E como que era a sua casa, lá?

**JF:** A minha casa era no, a nossa casa era no largo da matriz. Era um sobradão, como todo sobrado do interior, com dois pavimentos. No pavimento inferior meu pai tinha o armazém e nós morávamos no pavimento seguinte. Era mais ou menos na direção da igreja matriz, no largo da matriz. Porque o lugarejo era um largo, chamado largo da matriz, como todos os lugares [...] e umas ruas, todas convergindo pelo largo. Umás que atravessavam o rio. Nós até chamávamos o pessoal que morava do lado oposto, "o pessoal da outra banda". Eu tinha um tio que nós dizíamos que o tio [tosse] o tio Rafael era o tio "outra banda", não é? Porque ele era da outra banda, não é?

**Juf:** E o senhor estudou lá, a escola primária? A escola primária, o senhor fez lá?

**JF:** Escola primária, existiu uma escola primária, com uma professora muito boa, muito dedicada, muito competente, e eu fiz o curso primário lá. Depois apareceram lá dois rapazes que fundaram uma escola secundária. Mas nessa escola eu freqüentei dois anos só. Me salientei muito nesses dois anos, foi aí o meu cunhado que morava em Belo Horizonte faleceu, o meu pai veio aqui para ver como estava a situação. E como eu tinha tido muito boas notas lá no, nessa nova escola, ele falou com um parente nosso, Viana Romanelli, que tinha um jornal, que tinha um menino que queria estudar, que era um menino muito estudioso, que tinha obtido notas ótimas num curso de secundário que ele tinha feito lá. Foi esse o motivo que eu vim para Belo Horizonte.

**Juf:** Então foi para estudar?

**JF:** É.

**Juf:** E aí, é, o senhor ontem falou que o senhor perdeu os pais muito cedo. O senhor já estava em Belo Horizonte quando o senhor perdeu os pais? - O entrevistado não compreende [ouve] a pergunta, que é então repetida. - O senhor, ontem, falou que perdeu os pais muito cedo. O senhor já estava em Belo Horizonte, quando perdeu os pais?

**JF:** //Não, eu perdi// minha mãe lá. Foi, me chocou mais que a morte do meu pai, porque o meu pai eu já estava em Belo Horizonte, mas a mãe eu perdi lá quando eu tinha onze anos. Eu tive um choque muito grande. Eu me lembro que ela morreu, depois, eu fazendo um diagnóstico retrospectivo, eu vi que ela morreu de septicemia. Lá tinha um médico forasteiro, um médico espanhol, que pare... que foi... que embrenhou pelo interior e ficou lá, pelo lugarejo e dava assistência ao pessoal. Ele deu assistência à minha mãe, a assistência que se podia fazer naquela época. Não havia antibióticos, nem nada. Ele... Apareceu um ferimento nos pés, e depois eu me lembro que foi, deu uma erisipela. Hoje é que estou sabendo que era erisipela. A perna foi inchando, foi inchando, e uma noite foi um fato até estranho. Eu estava dormindo, e senti que ela chamou: "Acorda seu preguiçoso". Eu quando levantei corri para perto dela e ela estava morrendo. Isso me deu um choque muito grande que, eu... ainda durante alguns dias vivia pelos cantos chorando, sentido com a falta dela. O meu pai faleceu, eu não me lembro muito bem a data, eu já estava aqui, mas, foi depois que eu já estava fazendo o curso secundário, fazendo o preparatório. E eu tive a notícia pelo, por uma carta, ou por um telegrama, eu não sei, que ele havia falecido. Faleceu com uma, talvez uma úlcera gástrica, foi um problema gástrico, gastro-intestinal.

**Juf:** Aí o senhor veio para Belo Horizonte? Aí o senhor veio para Belo Horizonte, para estudar? Como que o senhor sentiu essa mudança? Estava, o senhor estava animado?

**JF:** //Eu já estava aqui quando o meu pai faleceu.//

**Juf:** //Não!// Quando o senhor veio para Belo Horizonte, como que foi essa vinda? O senhor ficou entusiasmado com a possibilidade de estudar aqui?

**JF:** Eu fiquei muito entusiasmado poucos meses. Depois eu entrei em uma série de decepções. Os poucos meses foi porque eu... o José Romanelli, professor Romanelli foi professor de alemão na Escola de Medicina, depois era parente meu, não sei qual é, qual tipo de parentesco. Ele tinha um jornal, ali na avenida João Pinheiro, em frente à Associação Médica. E como o meu pai lhe disse que o menino tinha boas notas, que era um menino inteligente, então ele disse: "Você vem trabalhar como repórter", comigo. E eu tive uma decepção muito grande como repórter. Houve um acidente na Floresta, de um trem que descarrilhou e pegou um ônibus. Então ele me mandou fazer a reportagem. Eu cheguei lá e tomei nota do número do bonde, das pessoas que tinham se ferido, não tinha morrido ninguém, número do trem, tomei aquelas notas todas, cheguei e dei ao dr. Romanelli. "Tá aqui dr. Romanelli, o acidente, o acidente foi esse!" E ele disse: "Redija" [risos]. Eu falei: "Até hoje a única coisa que eu tenho redigido são deveres, deveres de escola". "Eu não sei redigir". E ele falou: "Ah, o seu pai falou que você era um menino muito inteligente". Eu falei: "É, mas eu não sei redigir". Ele disse: "Então você fica como gerente". Mas o jornal, por falta de publicidade, e porque era um jornal de oposição, ele sempre foi de oposição, sempre foi um homem muito combatível. Ele, ele, ... você não lembra de ter ouvido falar o nome dele não? Ele foi professor de alemão

da Escola de Medicina. O jornal dele durou pouco tempo, não sei, eu acho que durou um ano. Enquanto, no princípio, tinha publicidade ele manteve com a publicidade, depois ele não se manteve mais, não podia pagar nem os aluguéis da impressora, que pertencia a um professor da escola de Engenharia, dr. Joaquim de Paula. Eles moravam no primeiro andar e a impressora embaixo. Então, como havia muito espaço na impressora, tinha lá um quartinho, eu passei a morar lá mesmo. Morava lá, a minha vida era muito limitada. Eu saía para tomar café com o Romanelli, ia almoçar com o Romanelli num restaurante que existiu até pouco tempo, um restaurante chamado Colosso. Até pouco tempo ainda existia esse restaurante na rua da Bahia, frente ali, pregado, próximo ao Cinema Metrópole. Eu tomava as refeições com ele, voltava para o hospital. Eu trabalhava no hospital, de noite, quando encerrava o expediente eu ia estudar e dormia lá mesmo, e minha vida ficava limitada naquilo. De vez em quando eu dava um passeio de ônibus. Naquela época o único meio de transporte que existia era o ônibus. Tinham os automóveis também, mas eram automóveis de aluguel, ficavam estacionados ali na avenida João Pinheiro, em frente à rua.. Entre a rua da Bahia e Espírito Santo. Tinha uns ficus muito grandes, os carros estacionavam lá com uma placa onde tinha o número. Se a gente desejasse um passeio de automóvel discava, alguma vez que precisasse de automóvel. Os bairros, naquela época, os bairros principais, o bairro mais chique era a Floresta. Existiam praticamente dois bairros só, Floresta e Serra. Se hoje é longe... Eh, Floresta, Serra e Centro. Santo Antônio nada, aqui na Savassi [...] essa parte por ali. Depois de uma casa tinha que atravessar um trechinho que tinha um trilho no meio do mato. O desenvolvimento depois foi feito da parte de Lourdes. Eu me lembro que a gente chegava, o meu sogro chegou aqui em casa um dia, olhou assim e viu o centro da cidade, a parte direita construída e um, como ele falou: "Uai, por quê aquele campão de mato ali?" Quer dizer, um campão onde hoje é o campo do Atlético, onde é um monte de coisa. Onde vocês moraram, aquilo tudo era mato. Até pouco tempo, isso foi do seu tempo, quando seu pai remontou lá. Aquilo foi, quando começou o colégio [começando], quando começou o bairro. Aquele trecho todo, onde é hoje o bairro de Lourdes foi doado por Antônio Carlos à Universidade, pertenceu à Universidade.

**Juf:** O senhor falou ontem que uma coisa que te impressionou muito foi a coisa da terra, que era uma cidade muito poeirenta, que tinha muita terra.

**JF:** Ah, é! Porque não havia calçamento por toda a cidade não! O calçamento era calçamento de paralelepípedos nas ruas principais, na avenida João Pinheiro, mas a avenida João Pinheiro terminava na Praça Tiradentes.

[Sua esposa, D. Dulce Ferolla, interrompe.]

Não! Daí para cima, e... Daí para cima, era terra, terra, terra, terra ferruginosa, vermelha, que era, era, era aderente à roupa, não é? As outras ruas de acesso à avenida Afonso Pena, as ruas de menor trânsito, e, é, eram calçadas por alvenaria poliédrica, o vulgo "pé-de-moleque", não é?

**Juf:** Fale um pouco mais daquilo que o senhor tava falando, das decepções, de vir pra cá, logo depois.

**JF:** A decepção, logo depois, foi que eu perdi logo o emprego. Foi, por causa do jornal, eu perdi o emprego. E eu me lembro que aqui, na ocasião, quando eu, eu, eu não estranhei muito porque eu já tinha uma irmã que morava aqui e um irmão. Esse irmão me aconselhou: "olha, você não tem emprego, não tem nada para fazer, volta para, para Conceição". E eu me lembro como se fosse hoje, eu tomei o trem. E o trem passava ali embaixo do viaduto, ali tinha uma serraria grande. Quando eu fui sumindo na curva, que deixei Belo

Horizonte para trás, eu fiz um juramento comigo: "Eu vou voltar". De maneira que eu vou dizer na minha terra que eu fui passear, que eu não fui embora não, que eu volto e que eu vou arranjar emprego. E tive lá uns tempos e voltei.

**Juf:** E aí o senhor... Quando o senhor esteve lá, o senhor voltou a estudar lá?

**JF:** Uai eu, não cheguei a um, pouco mais de um mês ou talvez um mês, pouco mais. Eu cheguei aqui e procurei trabalhar. Fazia tudo. Eu ia na rua dos Caetés, fazia requerimento para aqueles turcos lá pra requerimento da prefeitura, [...] constas [...], eles me pagavam cinco mil réis por requerimento. Fui vivendo assim até que uma... uma senhora que era a sogra, a sogra da minha irmã, morreu aqui, o marido faleceu aqui, era costureiro de alta costura e tinha boas relações aqui, ela tinha muito boas relações com as altas autoridades daqui, inclusive com o diretor dos Correios, que se chamava Carvalhais de Paiva. Com o Carvalhais de Paiva ela arranhou um emprego precário, para mim. Esse emprego, eles denominavam pró-racta. Se chamava pró-racta, eu era da turma do pró-racta. O pró-racta era o seguinte: nos correios, era um ninho de estudantes. De maneira que durante, nas vésperas de exame, os estudantes todos pediam licença. Era permitido licença para tratar de saúde, e mesmo um atestado falso... Eles eram... tiravam um mês para tratar de saúde e a repartição ficava praticamente vazia. Então o Carvalhaes resolveu criar essa classe de pró-racta e eu fui um dos pró-racta. No primeiro mês, eu me lembro, foi num mês de dezembro, tinha... a repartição estava vazia, eu ganhei, ganhei... não me lembro quanto mais. Mas ganhei o que dava suficiente para as minhas despesas. Fui morar num, na... nessa ocasião eu morava com a minha irmã. Depois, eu estando lá, conheci o Carvalhaes, ele falou, falou: "olha, vai haver um concurso, agora, você podia fazer o concurso. Eu, como já tinha... bom, quando eu entrei houve um prazo para o concurso, eu estudei e fui feliz, que tirei o quarto lugar, e garanti então um lugar de praticante. Com esse emprego de praticante, eu não tenho, não sei exatamente, mas acho que eu ganhava cento e vinte mil réis. Com isso, eu falei: "Bem, estou com minha mesada para completar meus estudos."

[Há um problema na fita.]

Recebia o ordenado no fim do mês, e comprava cupons e vinha com o bolso cheio de cupons. Comprava cupons para bonde, custava 200 réis; comprava uma, um cupom para o cinema. Custava 500 réis, eu comprava dez por 5.000 réis. É, é o dinheiro... Não podia ir mais que dez vezes ao cinema. Mas dez vezes ao cinema num mês já era uma diversão muito boa. E eu, e o resto eu pagava pensão, pagava 40 mil réis de pensão. Morava numa pensão na rua Rio de Janeiro, Pensão da dona Mariquinha, que se chamava, ela era muito famosa. Nessa pensão eu tive como companheiro de quarto o poeta Emílio Neves [???] - Novamente a fita apresenta problemas, impossibilitando a compreensão de um pequeno trecho. -Eu omiti um episódio da minha vida. Quando o jornal fechou, eu fiquei sem emprego e fui... o Romanelli me convidou para morar com ele, então eu fiquei morando com a família dele. Esse foi o período mais triste da minha vida, porque na casa dele eu tinha, tinha tudo, não faltava nada. Mas era uma família muito sóbria. Eu tinha dezenove anos, tinha uma fome louca, de maneira que eles eram muito sóbrios, tomavam cafezinho simples da manhã, é, o almoço e o jantar, e mais nada, não é? Daí que eu passei, arranhei o lugar, o lugar de pró-racta, e depois praticante, nessa de praticante eu fui para o Correio. No início eu trabalhava na seção de expediente. Na seção de expediente eu tive a oportunidade de conhecer pessoas que se tornaram

grandes amigos meus, como Lucas Machado, que até hoje, o, o Guimarães. Um Guimarães parente desse Guimarães poeta, não me lembro o primeiro nome dele. Um outro chamado Emílio Célio. Mas principalmente o Lucas Machado, que foi uma amizade que durou até a morte dele.

**Juf:** E aí depois o senhor morou na casa da sua irmã? Aí o senhor morou na casa da sua irmã, e depois foi para a pensão?

**JF:** Não, na... espere um momento... Não, aí eu con..., nós conseguimos, nós fundamos uma república, onde eu ter..., até terminar. Formamos uma república na rua Paraíba com... eu, o Gabriel Passos, esse outro funcionário ilustre, o Gabriel Passos, o Capanema, Flávio Neves, o Newton de Paiva, esse que tem esse educandário, e mais uns dois baianos que não têm o nome, não é? É só República... Nessa república, eu vivi até o quinto ano de medicina. Continuei trabalhando nos Correios. No quinto ano eu era interno do professor Balena, interno de quinta. Eu é que selecionava os clientes para ele fazer o diagnóstico, prescrever o tratamento, para quando ele, para ele dar as aulas. Na, algumas vezes o diagnóstico dava certo e na maioria das vezes ele tinha que corrigir. Mas eu aprendi muito com isto, porque eu me esforçava muito. Ele selecionava para mim. "Olhe Ferolla, você tem aqui, isso, isso. Três doentes, que eu vou dar a uma próxima aula sobre esses três doentes. Você estuda e faça o seu diagnóstico, prescreve o seu tratamento que amanhã eu vou dar a aula sobre um deles". E eu estudava as duas possibilidades de doença, às vezes pedia o auxílio de algum colega, e, e quando o Balena chegava eu falava: "Oh Balena, o doente tal eu acho que tem a doença tal, o dois, tal, tal, tal, e eu prescrevi o tratamento tal, tal, tal. Ele achava certo ou errado, e dava a aula. Aí nós estabelecemos muito boas relações. Eu continuei na vida de estudante de medicina, e, agora eu pulei dos Correios para estudante de medicina.

**AT:** Como foi a decisão de estudar medicina?

**JF:** //Pois é!!// Aí eu esqueci de falar como foi que eu entrei para a escola de medicina, não é?

**AT:** //Exato!!//

**JF:** Eu fiz exames preparatórios. Naquela ocasião, havia um exame que a gente fazia, exame preparatório, o exame - dona Dulce, sua esposa, interrompe e diz / Parcelados / - ... hein? / Parcelados/ ... /Parcelados/ ... É, exames... ih, eu não me lembro, não me lembro mais o nome desse tipo de exames. E... estudava-se... porque tinha só, tinha os três colégios oficiais. Tinha o Ginásio Mineiro, tinha o Colégio Arnaldo, que era misto, tinha o Sagrado Coração onde a Dulce estudou. O Sagrado Coração era só moças, o Santa Maria também só moças. Agora, colégio particular não tinha nenhum. Ou a gente era interno do Colégio Mineiro e fazia o curso regular lá do colégio, matriculando no primeiro ano, ou então tinha que estudar com professores particulares e no fim do ano requeria exame. Não havia, não exis... nenhuma exigência para a requisição desse exame, bastava que você requeresse o exame e era submetido ao exame, pela ordem alfabética, pela ordem de inscrição. O meu, meu exame preparatório para poder entrar para a faculdade de Medicina foi feito no Ginásio Mineiro, estudando. Eu estudei português e francês com o professor Morais, que era um professor famoso. Estudei ari..., matemática com o Martins, eu não me lembro o nome dele também, que era professor famoso. Inglês com um inglês que tinha aqui, mister Watson. E fiz meus preparos com esses professores, requeri os exames e fui muito feliz, porque passei neles todos e me preparei para a faculdade. Agora, para entrar na faculdade não exigia vestibular não, bastava apresentar os

exames... esse exame preparatório, que eu não me lembro se eram oito ou doze. Apresentava o exame e era ma... tinha matriculado. Matriculava na Escola, Escola de Medicina que era semiparticular. A gente tinha que pagar uma determinada cota, pequena cota, pagava. Mas eu arranjei, por intermédio do Balena, que fosse aluno gratuito. Estudei, gratuitamente, até, até formar.

**Juf:** E como que o senhor decidiu fazer medicina?

**JF:** Já era desde menino que eu já pensava em medicina. Não foi, não sei se é porque me chocou muito a morte com, praticamente, quase sem, sem assistência médica, no interior, que eu resolvi estudar medicina... Ela tava no... A minha mãe não foi propriamente desassistida, tinha um médico lá, mas era um médico forasteiro, o Del Rio. Era um médico espanhol que era muito perseguido pelos farmacêuticos, porque os farmacêuticos é que clinicavam lá no lugarejo, não é? E, eles achavam que ele não era médico, mas ele era muito competente. Era uma pessoa muito excêntrica, gostava muito de animais. E, mas era muito competente. Tanto que depois que ele faleceu, eles encontraram na bagagem dele o diploma de médico e advogado formado pela Universidade de Sevilha.

**Juf:** Antes da gente falar um pouco da Faculdade, vamos voltar um pouco, nos primeiros anos aqui em Belo Horizonte. Eu queria que você falasse um pouco, o que é que você fazia, aquilo que você falou de ir ao cinema, os amigos? O senhor achou fácil morar aqui? Ou achou difícil, ficou deslocado/ Ou o senhor logo fez muitos amigos? Como é que foram os primeiros anos assim, aqui em Belo Horizonte?

**JF:** Os primeiros anos meus foram anos de trabalho e estudo. Eu não tinha amigos, tinha amigo, conhecidos. Tanto que o Lucas Machado, que foi um amigo meu até a morte, o Carlos Drummond de Andrade, o Emílio Moura, eram amigos, mas eu não fazia noitadas não. Não tinha esse temperamento, eu ia cedo para casa. Fazia a repartição e estudava. No princípio, eu ... depois que fiz o concurso, eu passei a trabalhar na Seção de Expediente. Essa seção de expediente o horário era de meio-dia às quatro. Eu então podia freqüentar as minhas aulas, que as aulas eram todas de manhã. Mas do quinto ano em diante, as aulas... uma aula passou a ser duas horas. A aula de um professor excelente, o Carlos Chagas, dava aula de anatomia patológica. Então eu tive que mudar o meu trabalho nos correios; passei a trabalhar na Seção de Tráfego. A seção de tráfego é muito interessante, é uma segurança muito grande, porque nem... A gente trabalhava lá, entrava às sete horas, geralmente tinha umas duas horas, uma, duas horas de trabalho para relacionar toda a correspondência registrada, punha essa correspondência registrada dentro de um malote, fazia um relatório do que estava dentro do malote, e entregava ao carteiro, e o carteiro era o responsável. O carteiro levava, levava a você. Quando recebia a correspondência era a mesma coisa. Recebia a correspondência às nove horas da noite... - faz uma pausa - recebia a correspondência às duas, às nove horas da noite, e tinha duas horas de trabalho, E, fazíamos, nós recebíamos, os malotes fechados, lacrados, com, com o carteiro. O carteiro trazia, nos entregava, fora do malote tinha uma relação do que estava dentro. A gente abria, conferia, fazia a distribuição para onde devia ser entregue, aí o carteiro distribuía para os guichês, para no dia seguinte ser entregue. Lá, lá, geralmente quando o trabalho era nas férias quando a, o trem chegava no horário, o trabalho, dez horas, geralmente onze horas, estava, estava terminado. Mas houve uma administração que nos causou tanto mal estar que até hoje eu guardo um rancor. Foi a administração do Carvalho de Araújo. Na administração do Carvalho de Araújo o trem não chegava no horário. O not...

**[FIM DO LADO A]**



## Entrevista - fita 1 - lado B

**JF:** O noturno, que deveria chegar às nove horas da noite, chegava à uma, duas horas da madrugada. Os rapazes ricos saíam, iam para o cinema, iam passear e nós, eu e mais alguns outros que trabalhavam lá e que não tinham meios de ir ao cinema todo dia, às vezes nós dormíamos lá. Preparava com as lonas das malas, não é? Fazia lá um leito improvisado e dormia esperando, esperando o trem. De maneira que essa parte aí foi uma vida, vida dura. Nesse momento, obviamente, eu senti muito, porque dormia mal, e comecei a emagrecer. Então um dia o Balena, que sempre foi meu amigo, falou: "Ô Ferolla, passa lá no meu consultório, eu vou te examinar que você está muito mal". Eu falei: "Ô Balena, eu estou com a saúde ótima, estou magro porque não tenho dormido". Ele disse: "Ora, você não tem dormido por quê?" Então eu expliquei o motivo, que era o trabalho nos correios. Então ele falou comigo: "Olha, lá no - o Balena era o diretor do hospital São Vicente de Paula - Ele disse: "lá no hospital São Vicente de Paula tem dois internos; eu arranjo lugar para mais um". "Você não vai ganhar nada, mas lá você tem tudo o que você precisa". "Você não vai precisar de roupa lá, porque você põe avental, não é?" Então eu pedi demissão nos Correios e no quinto ano de medicina eu fui, passei a morar no hospital São Vicente de Paula. Lá eu tinha como companheiro um amigo fraternal, que até hoje nós mantemos essa amizade, Pedro Sales. Pedro Drumond de Sales e Silva que é o nome todo. E como companheiro um outro também, o Edgar Moss, que já morreu. Era da família, é filho de Benjamim Moss, que foi médico, médico do Instituto Médico Legal. Quando ele fal..., foi clinicar em São Paulo, lá ele faleceu. Lá eu fui, estudei até o sexto ano. No sexto ano, deu-se a vaga. Mas o Balena falava comigo: "ô Ferolla", - durante o curso fiz cirurgia - o Balena falava comigo: "Ô Ferolla você, ah, vai... " eu falei: "Ô Balena"... "Vai ser o cirurgião do hospital", de maneira que não importa que, que, dê, forme uma outra vaga para um interno, que entre outro interno". Mas o Davi Rabelo tinha predileção pelo Pedro Sales. Eu vi que ele gostava mais do Pedro Sales, ele, quando podia, chamava o Pedro Sales para ajudar ele a operar e eu, eu ia também, operava sempre, principalmente clientes que mais, que precisavam de manipulação maior, porque eu tinha braços mais fortes, não é? E, mas eu senti que ele tinha predileção pelo Pedro Sales, então saí. Saí e fui morar na casa da minha irmã. O Balena me chamou e disse: "Ôh Ferolla, aqui, aqui em Belo Horizonte, a radiologia é uma especialidade que é uma vergonha". Isso depois você vai ver [??] - O entrevistado fala baixo e, ao mesmo tempo, os pássaros da casa cantam -.

**Juf:**É, vamos deixar um pouco para outro dia. Fale um pouco agora, daquilo que você falou, da gripe espanhola. //É?// Que você me contou ontem, da gripe.

**JF:** //Ah bom!// Isso foi logo depois que eu cheguei aqui. Em 1918, eu... eu não sei onde eu morava, acho que eu estava na pensão, nessa pensão com o Emílio Moura, quando eu... Eu só não, não, não, não assistia, a, a, [gagueja] a missa, a, a, a [ri], não assisti a gripe não, eu participei da gripe, eu adoeci. Adoeci, fiquei muito grave, eu fiquei três dias em estado febril, febre muito alta, inconsciente. Então minha irmã me levou para morar com ela. Fui morar lá com ela na rua Piauí. Que até hoje eu guardo o número, 1500, Piauí 1592. La no alto da Serra, Piauí com Afonso Pena. Ela ficou a minha sombra, começou a forçar - /Sogra não, interrompe dona Dulce -

**Juf:**Sua irmã?

**JF:** Para que eu fosse... não, eu tenho que dizer a verdade. Para que eu fosse ao hospital, à Faculdade de Medicina, porque [...] hospital. Porque tinha, tinha os meus sobrinhos e eles estavam com receio de que eu contagiasse os sobrinhos. Mas a minha irmã forçou e eu permaneci lá. Talvez eu tenha sobrevivido por isso, porque eu tive cuidados especiais. Mas eu estive três dias absolu..., absolutamente inconsciente. Logo que eu melhorei, que eu comecei a ter noção das coisas, que readquiri consciência, eu tive um cansaço, um cansaço tão grande que eu tive a impressão que se eu morresse eu não descansava. Mas, sobrevivi à gripe, perdi o cabelo todo, fiquei completamente sem cabelo. Me lembro depois, quando eu já estava convalescendo, o primeiro passeio que eu fiz, foi um passeio de bonde, que era um passeio de bonde de fa..., dar uma volta na Floresta. A gente saía da Serra, pegava o bonde na Serra, ia até a Floresta, lá eles viravam o carro e a gente voltava para a cidade. Aquilo para mim foi como se eu estivesse começando a viver. Foi uma sensação estranha, uma sensação agradabilíssima.

**Juf:**E o senhor falou da prefeitura, da prefeitura à tarde, que pegava os cadáveres. A prefeitura à tarde, que recolhia os mortos, que o senhor me contou ontem?

**JF:** //Ah bom.// Isso eu não sei porque eu estava inconsciente, mas eles contavam que, na época, a... morriam tantas pessoas que eles não tinham tempo de fazer enterros regulares. Saíam caminhões pela manhã procurando onde tinha cadáveres para serem levados para o cemitério. Eu não me lembro é como é que as pessoas de situação econômica mais elevada, como é que, que eram enterradas. O povo em geral, a classe baixa, era levada em caminhões e, e, e enterrado, não sei se em vala comum ou se tinha uma sepultura para cada um. Mas que o transporte era feito por caminhão, isso eu tenho certeza absoluta.

**Juf:**E houve outras epidemias aqui em Belo Horizonte? Parece que houve uma de tifo, depois? /Hein?/  
Houve outras doenças graves aqui em Belo Horizonte, parece que depois houve uma epidemia de tifo? O senhor lembra disso? ... De tifo?

**JF:** Tifo? /É! / Não! /Não?/ Não, não teve tifo.

**Juf:** Não lembra de nenhuma outra epidemia não?

**JF:** //Eu não tive.// Não tive nenhuma outra doença. Eu fui, depois, mas já era, já era o curso. Já no curso, eu fui operado de apendicite.

**Juf:** Agora fala um pouco do cinema que o senhor ia.

**JF:** Ah, o cinema. Havia dois cinemas, um cinema na, Odeon, que era um cinema na rua da Bahia com Afonso Pena. Em cima era uma casa com dois pavimentos e tinha o cinema Odeon logo mesmo na esquina, tinha o famoso Jácomo, que era o, o, que era o vendedor de revistas e, e, de loteria. E tam..., e tinha ao lado também uma fila de engraxates. E em cima vinha o Automóvel Clube, onde o Drumond, até me disse que o Ferolla dançava lá no Automóvel Clube, não? Cinema, e, tinha um outro cinema, Parque Cinema. Mas esse era um cinema de variedades que geralmente nós não freqüentávamos, nós rapazes não freqüentávamos não. Esse era mais para os senhores, era um cinema que nós chamávamos na zona boêmia, que era na rua do, rua dos Guaicurus. E o cinema Odeon ... - pausa -.

**Juf:**Ela (dona Dulce) está falando que é clube Belo Horizonte.

[Dona Dulce Ferolla: Você dançava no Clube Belo Horizonte.]

**JF:** Ah, não! [risos]

**Juf:**//Ah, aí o senhor estava falando no Odeon?// //Ahn?//

**JF:** //Eu estava contando um caso aqui//. O Drumond escreveu um livro, "A rua da Bahia", não é? Então na rua da Bahia, ele dizia que lá havia o Clube Belo Horizonte, mas que ele ficava no passeio, e lá no Clube dançava o belo Ferolla e o formoso Dario. O Formoso Dario era o Dario de Almeida Magalhães, que tá vivo até hoje, é o pai do Petrônio Magalhães, que foi, que foi interventor do governo, não é? E o belo Ferolla [risos] é esse belo que está aqui, não é?

**Juf:**Então o senhor gostava de dançar?

**JF:** Gostava.

**Juf:**E o //senhor ia muito dançar?//

**JF:** //E, e sempre dancei// muito mal. [risos] Sempre dancei muito mal, eu cheguei a tomar umas aulas de dança num clube de danças que tinha ali em frente, onde?? hoje é o cinema Guarani. Mas sempre fui mal dançarino. Quem era muito bom dançarino era o Juscelino. Eu sei dizer que eu conheci o Juscelino fazendo exame de solo na Universal [???]. Ele, nós estávamos assentados um ao lado do outro e nós, e... sopraram um para o outro coisas que um sabia e coisas que não sabia. Eu lembro que ele me so... me mandou uma frase que até hoje eu guardo. Quando Francisco I perdeu a guerra, ele telegrafou para a mãe dele: Madame, tout est perdu, or et l'honneur! [???] [risos] pois essa frase foi Juscelino quem me soprou.

**Juf:**E isso foi no colégio? /hein?/ no Colégio Mineiro?

**JF:** : Mineiro, é, Colégio Mineiro. Nós ficamos sentados ao lado. Depois, quando saímos do colégio, ele falou comigo: Ô Ferolla, eu amanhã tenho que fazer álgebra. Estou muito ruim de álgebra, estou com receio, já estou chamado. Eu falei: eu também estou chamado, e eu sou ótimo em álgebra, eu, modéstia

à parte, eu gostava muito de álgebra. Quem... vocês já estudaram álgebra? É um estudo muito, muito fascinante, não é? E eu falei com o Juscelino: "Você quer passar uma noite sem dormir?" "E vou, você vai"... na época eu morava na, na república lá na rua Paraíba. República nós demos o nome nela de República Pede Anjo, pede do verbo pedir. Naquela ocasião tinha uma música muito em forma que chamava, muito famosa, que chamava Pé de Anjo, mas pé membro, pé membro, não é? Eu falei: "Você vai lá prá casa", nós passamos lá o dia todo e ele foi, "você vai ditando os teoremas e eu vou demonstrando para você". Então ele foi. Foi e no dia seguinte fizemos o exame, eu tirei uma nota boa mas ele passou... Desde essa época, fica... fizemos uma amizade que... que, que foi até, até, até que ele foi presidente. A amizade durou até que ele foi para Brasília. Quando eu estava em Berlim, estudando, ele apareceu lá. Porque eu tive, eu não falei ainda que eu tive uma bolsa de estudo, não é? Eu tive uma bolsa de estudo, estava em Berlim e o Juscelino apareceu lá e, e, de manhã, não é?, ele era madrugador, 7 horas ele bateu no meu quarto. Eu falhei até no hospital um dia, para passear em Berlim com ele.

**Juf:** E vamos voltar então lá para o cinema. Aí o senhor estava falando então do cinema Odeon.

**JF:** Ah, o cinema Odeon era um cinema excelente. Tinha umas características todas especiais. Tinha na primeira, na primeira fila, tinha a orquestra. Mas a orquestra tocava as músicas já muito batidas, de maneira que a gente da platéia não via os músicos. E, onde tocava o famoso violonista, Florsino Vale. Esse Florsino Vale foi [...], realmente era um violonista muito grande. Tinha outra coisa pitoresca no cinema. Era que o Lafaiete Brandão que era Oficial de Gabinete do governo, ele foi Oficial de Gabinete de quase todos os governadores, tinha uma cadeira com cadeado [ri]. Chegava, abria o cadeado e sentava. Tinha uma cadeira cativa, não é? Mas era um cinema freqüentado pela alta roda com um inconveniente. Usava chapéu, e todas as moças, ou todas as mulheres usavam chapéu. Às vezes chapéus enormes que dificultavam a visibilidade da platéia. Tanto que eu, quando ia ao cinema, que ia dez vezes por mês, que eram os meus cuponzinhos, eu ficava numa, numa galeria. Tinha uma galeria, um balcão, e a platéia cá embaixo. Ficava na galeria para fugir dos chapéus das, das, das freqüentadoras.

**Juf:** E no Colégio Mineiro, o senhor falou que era um colégio público. Fale um pouco dos professores e dos colegas do Colégio Mineiro.

**JF:** Ah, o professor, a escola, a minha vida acadêmica foi a época mais feliz da minha vida. Que eu fiz amizade com todos os colegas cujos nomes são, nem posso citar todos eles. E então, quando nós entrávamos em férias, quando era o primeiro dia de aula, a gente reunia num gramado que tinha. A faculdade de medicina era em frente a, ao, acho que é o, ainda hoje... É perto do Instituto de Rádio. Era um prédio bem construído, com dois pavimentos, tinha a parte inferior, tinha os laboratórios, e a parte superior, tinha as cadeiras de teórica, não é? Mas quando nós tínhamos o primeiro dia de aula nós nos sentávamos na grama e contávamos as histórias das, das suas respectivas cidades, do, do, as peripécias das férias, não é?

**Juf:** E tinha só homens, ou mulheres também?

**JF:** Só tinha uma mulher. Chamava-se Maria José Las Casas. Maria José Las Casas. Depois ela formou-se e especializou em ginecologia. Não dou... [silêncio]

**Juf:**E, no Colégio Mineiro, os professores que te marcaram. No Colégio Mineiro.

**JF:** No Colégio Mineiro eu não tive professor nenhum. //Ginásio// [interferência de dona Dulce] no Colégio Mineiro. Eu fui conhecê-los lá na hora.

**Juf:**Ah, na hora do exame?

**JF:** Na hora do exame.

**Juf:**E então, quando o senhor chegou, o senhor estudou aonde? Quando o senhor chegou em Belo Horizonte, o senhor ficou estudando aonde?

**JF:** Quando eu cheguei em Belo Horizonte, eu fiquei estudando com esses professores particulares que eu já falei. Estudava português e francês com o Moraes e estudava latim com o Cláudio Brandão, que era um filósofo, estudava matemática com, matemática era o Peçanha, eu não me lembro o primeiro nome dele agora.

**Juf:**//Agora é que eu entendi// //E o resto// Porque eram professores então particulares. Só o exame que foi no Colégio Mineiro.

**JF:** Eram professores particulares, não faziam exames, era só, só estudo. Nos orientavam, nos preparavam para no fim do ano a gente requerer e fazer o exame, chamado exame parcelado. Agora no Ginásio tinha alunos matriculados no Ginásio que faziam o curso regular. Esses alunos faziam uma concorrência muito grande porque eles eram conhecidos dos professores, e nós éramos estranhos. Nós de fora que íamos fazer exame parcelado éramos, ficávamos tendo conhecimento do professor na hora do exame. [silêncio]

**Juf:**Bom, então, e na, na. Vamos agora para a faculdade, não é? Fale um pouco mais da Escola de Medicina. Como que era o curso, quantos anos eram?

**JF:** Na faculdade de medicina, eu fiz uma grande amizade foi com o professor Balena. Professor Balena me protegeu. Eu, se tenho uma situação que tenho, se consegui alguma coisa na vida eu devo a esse professor que me auxiliou o máximo, inclusive propiciando uma viagem à Europa em condições que eu nunca sonhei, sair lá de Conceição do Turvo e ir parar lá em Berlim, não é? Era um professor muito, muito correto, muito competente, e principalmente uma criatura humana extraordinária. Tanto que ele era o primeiro, tinha uma clínica enorme aqui em Belo Horizonte e morreu deixando uma casa residencial. Aliás, naquela época, ninguém ficava rico com a medicina. A medicina começou a ser uma profissão de renda, mesmo depois do meu tempo, quase quando eu estava terminando, é que entraram os novos.

**Juf:**Então, o senhor falou que gostava muito de dançar. Então o senhor era namorador, como é que era, com

as meninas?

**JF:** Não era muito, não era namorado, eu era muito fiel. Eu tive uma namorada chamada Fabíola, morava na rua Guajajaras, foi o meu primeiro amor. Eu era muito fiel. Ia ao cinema com ela. Mas no cinema a gente entrava separado não é?, depois sentava nas cadeiras e segurava as mãos. A única coisa, o único avanço maior que se fazia no cinema, segurar as mãos, não é? Esse... esse namoro acabou não sei como. Era um namoro de tal ordem, eu gostava tanto dela que eu estudava, eh, para, estudava para o exame com o companheiro Afonso Magalhães que era filho do desembargador Antero Magalhães, morando aqui na rua, na rua Paraíba. E, o dia que eu chegava muito alegre, o, o, Afonso falava: "Hoje você encontrou a Fabíola, não é?" Foi mesmo o primeiro amor, o primeiro amor de rapazinho de dezenove, vinte anos, não é? //E, e// Depois eu não tive,... Eu comecei a ficar namorado foi quando eu tive a bolsa de estudo, foi em Berlim. Porque na época em que eu fui em Berlim, já a vida, a vida de, de, de rapazes com moças já era livre como é hoje, não é? Inclusive a parte sexual era livre, 1930. [silêncio]

**Juf:** Aí o senhor. O senhor ganhou essa bolsa logo depois de formar?

**JF:** Hein?

**Juf:** Foi logo depois que o senhor formou, ou foi ainda estudando? A bolsa?

**JF:** Essa bolsa?

**Juf:** A bolsa.

**JF:** Ah, a bolsa.

**Juf:** Foi formado?

**JF:** //Tem, é!// A bolsa foi o seguinte. Depois de formado houve esse problema do, do, do, do interno lá do [...] //do hospital//. É, que eu falei que eu ia... O Balena falou que eu ia ser professor, que eu ia ser cirurgião, mas o Davi que, que, que protegia o Pedro Sales e disse que o cirurgião [??] [...] era o Pedro Sales. Eu me senti isolado, era muito amigo do Pedro e, então eu me retirei. Retirei e o Balena me procurou e disse: "Ô Ferolla, a radiologia é uma especialidade que é uma vergonha aqui em Belo Horizonte. Na Santa Casa tem um eletricista que é radiologista, no Instituto de Rádio tem um farmacêutico. Ora, o Instituto de Rádio tinha um farmacêutico. No Instituto de Rádio era o farmacêutico do Hospital Militar." O, o, o, o da Santa Casa, Dr. Dargini [??] esse, esse... ajudou a instalar o aparelho, então aprendeu a manipular o aparelho. Ele fazia as radiografias, manipulava, batia as radiografias, fazia as chapas, revelava e mandava para prá, prá, o, a, o as, as, as enfermarias. Alguns professores conheciam a radiologia, como o Ari Ferreira. O Ari Ferreira, ele tinha feito um curso de Tisiologia na Alemanha e conhecia. Mas os outros não conheciam. Isso até tem detalhes pitorescos que depois eu vou, depois você vai ler, na, na, na história que eu trouxe sobre a história da radiologia. Então o Balena me disse: "Ô Ferolla, porque é que você não estuda radiologia?" Eu falei: Ô Balena, eu nunca tive assim uma tendência, um, um, um pendor para prá radiologia não mas eu posso estudar. Então eu

fui pro Rio. Fiz um curso de radiologia no Rio, de uns três meses, e vim e fui trabalhar. Fui, fui nomeado radiologista do Hospital São Vicente de Paula. Aí o hospital comprou o aparelho da Siemens, chamava Apolix, um aparelho muito moderno, quase tão moderno como os de hoje. E eu trabalhei nesse aparelho. Lá eu trabalhava com um colega que era do sexto ano, Virgílio José, Virgílio Mineiro. Parentado meu, já faleceu. E a minha viagem à Europa, se deu da seguinte maneira: Eu tendo sido o primeiro radiologista aqui, toda vez que algum médico do interior desejava adquirir algum aparelho de raio vinha pedir a minha opinião. E naturalmente eu tinha que dar a opinião porque o aparelho da Siemens era um aparelho bom, porque eu estava trabalhando com ele. Uma ocasião veio aqui um professor, Frederico Nomer [???], que era presidente da Siemens no Brasil. Ele foi visitar o hospital onde tinha o primeiro aparelho instalado aqui. Esteve conversando comigo e falou: "Ô Ferolla, você não tinha vontade de fazer um curso na Alemanha não?" Ele disse: "Nós estamos muito agradecidos a você porque nós já vendemos cinco aparelhos aqui para Minas, mais ou menos por seu...". Só por informações minhas. Eu falei: "Doutor Norman [???], eu tinha que dar informações corretas porque eu estou trabalhando com o aparelho e o aparelho é excelente." "Pois é, mas nós podemos..." "Se você tem vontade de ir à Alemanha nós podemos te auxiliar." "Eu posso"... "A Siemens em Berlim tem lá o Siemens Instituto, onde você pode estudar e nós pagamos uma pensão para você." Eu falei: "Ô doutor Frederico, eu vou amanhã começar a estudar alemão." Mas depois de uns dois ou três meses de alemão, que eu não aprendi quase nada eu, uma noite, fiquei pensando que o Frederico, o doutor Frederico, ele Frederico Lorner era diretor-presidente de uma Sociedade Anônima. E nessa Sociedade Anônima ele podia perder a presidência de uma hora prá outra. E o oferecimento que ele fez foi um oferecimento verbal, não tinha nem um bilhete oferecendo a... Então eu... fiquei com aquilo, nem dormi. Esperei o dia amanhecer, telefonei para ele. Falei: "Ô doutor Frederico, estou preparando para ir para a Alemanha". Ele disse: "Quando você quiser". Então eu arrumei as malas aqui, vendi um Ford que eu tinha, vendi uns aparelhos de fisioterapia. Que no princípio eu fiz fisioterapia no consultório do Balena. O Balena falou: "Olha, o meu consultório, você ponha os seus aparelhos aqui que até enfeita o consultório." "No horário de meio-dia às três, às duas, que eu não trabalho, você pode fazer fisioterapia." E fui parar na Alemanha com... Vendi os aparelhos e fui para a Alemanha com cinco, cinco contos, dois mil e quinhentos marcos. Naquela época não havia câmbio negro, nem câmbio comercial não, era, era... a gente olhava a placa lá do, do, do, de câmbio, letra de câmbio, sabia qual era o câmbio. Eu me lembro que eu comprei o marco por dois mil réis. Com cinco, com cinco contos que eu tinha arranjado na venda do aparelho e do automóvel, que eu tava pagando prestação. Que eu me dei ao luxo que logo depois que formei comprei logo um automóvel. Mas comprei o automóvel por cinco contos. Você não sabe o que, quantos anos? /Sei!/ Comprei o automóvel de cinco contos, assinei dez promissórias de 500\$000 sem juros. Pagando 500\$000 por mês. Eu já tinha pago a metade e vendi o carro pro, para esse meu amigo e parente, o Virgílio Pinheiro, que foi meu colega e que coordena no meu lugar lá no, no hospital São Vicente. Embarquei para a Alemanha, lá estive dez meses.

**Juf:**E até o senhor comprar o carro, como que o senhor se des..., ia para esses lugares todos. Para a faculdade, para o correio, para o hospital.

**JF:** Ônibus e, às vezes, a pé.

[Dona Dulce: Ônibus não,... bonde.]

**JF:** //ônibus não, bonde//

**Juf:**//Bonde?//

**JF:** Bonde e, às vezes, a pé. Tanto que eu falei com você, no fim do mês eu comprava os cuponzinhos de bonde, custavam duzentos réis o bonde. Era o único meio de transporte que tinha, era bonde. Tinha pontos do bonde circular; o bonde saía da Serra, ia até a Floresta, parava ali na, na, na, na Savassi, a Savassi chamava abrigo Ceará.

**AT:** Que impressão o senhor teve da Alemanha nessa época? /Hein?!/ Que impressão o senhor teve da Alemanha nessa época?

**JF:** Eu tive uma impressão de quem estivesse caindo no céu, não é? [ri] Saindo de uma cidade pequena, porque Belo Horizonte, quando eu fui para a Alemanha, tinha 50.000 habitantes. A cidade começava na praça Tiradentes e terminava na Praça 7. Que era a avenida tanto quanto. E tinha o bairro Floresta, que era o bairro chique, o bairro onde moravam as melhores famílias. Floresta e, e, e, e Serra. Eram os dois únicos bairros que existiam na ocasião. E se cai numa cidade imensa daquela. Naquela ocasião, para mim, era uma cidade imensa, não é? E ainda tive a sorte que a, a Siemens me arranhou uma pensão no, na avenida principal. Eu fiquei morando na pensão Regina [fala o nome da avenida, em alemão - fala o nome e o número 37, a pensão Regina.

**Juf:**E quanto tempo o senhor ficou na Alemanha?

**JF:** Eu fiquei na Alemanha de... do segundo semestre de 30 e primeiro semestre de 31. Praticamente 11 meses.

**Juf:**E aí, quando o senhor voltou, o senhor voltou para o hospital?

**JF:** Quando eu voltei eu voltei para o hospital, já tinha, eu deixei o Mineiro, voltei para o hospital. Voltei para o hospital. Tinha o, o, o professor Melo Campos me pediu um exame, e eu fiz o exame dele. Porque eu trouxe da Alemanha, depois você vai ver, eu trouxe da Alemanha uma técnica que eu introduzi do Brasil. Uma técnica de exame de aparelho digestivo. Que eu é que introduzi, é que botei essa prática, que induzi esta técnica aqui. Tanto que o primeiro trabalho foi publicado. Naquela ocasião não havia revista de, médica, que publicava assuntos médicos, nem aqui, nem no Rio, nem em São Paulo. Eu descobri uma revista no Rio Grande do Sul. Nessa revista eu publiquei em 34 um artigo sobre diagnóstico da úlcera duodenal pelo método de Bering. Era um método que, naquela época, foi revolucionário. Porque os exames no aparelho digestivo, é fácil compreender, eram feitos assim: eles



enchiam o estômago de bário, e batiam a radiografia. Então, como o bário é opaco, a gente só enxergava os contornos [diz contórnos]. Se tinha úlcera nos contornos aparecia uma saliência; se era um, um tumor, tinha uma falha, porque o contraste não penetrava no tumor. Mas, as úlceras que ficavam na parede anterior e posterior não apareciam porque elas ficavam plastificadas. Então o Behring apresentou esse trabalho, quer dizer, lançou os trabalhos de exame de pequeno contraste, de pequena quantidade de contraste. Dava pequena quantidade de contraste para o paciente e comprimia aproximando uma parede na outra. De maneira que aproximando uma parede na outra, se tinha um orifício, esse orifício parecia uma mancha. Se tinha uma falha, um tumor, aparecia uma falha.

**[FIM DO LADO B DA FITA N° 1]**

**A**

Alemanha, 19, 21  
automóvel, 5, 20

**B**

Balena, 8, 9, 11, 17, 18  
bonde, 4, 7, 12, 20, 21

**C**

Carlos Chagas, 10  
cinema Odeon, 13, 15  
Clube, 13, 14  
Colégio Mineiro, 9, 15, 16, 17

**D**

Drumond, 10, 11, 13, 14

**F**

Floresta, 4, 13, 21  
Florsino Vale, 15

**G**

gripe, 12

**I**

Instituto de Rádio, 16, 19

**J**

Juscelino, 14, 15

**O**

orquestra, 15

**P**

Pedro Sales, 11, 18

**R**

radiologia, 12, 18  
Romanelli, 3, 4, 7

**T**

tifo, 13



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORAS: PROF<sup>a</sup> JÚNIA FERREIRA FURTADO

ANNY TORRES

ENTREVISTADO: JOSÉ FEROLLA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 22/05/92

### Entrevista - fita 2 - lado A

**AT:** Hoje é dia 22 de maio de 1992, nós estamos entrevistando o sr. José Ferolla.

**Juf:** Pode falar.

**JF:** Conforme eu disse, depois de perambular por várias pensões nós nos reunimos com os companheiros principais, eu, o Gabriel Passos e o Capanema e o Afonso Neves para fundar uma república. Viver uma vida de estudante em república, o que era muito comum naquela época. E alugamos uma casa na rua, na rua Paraíba, quase, lá embaixo, próximo onde é hoje a Escola de Arquitetura. O proprietário, o senhor Benjamin Soares nos alugou com a condição de que reservasse o salão para ele e o filho dele. Eles ficavam isolados no salão, dormiam no salão e participavam das despesas da república. Agora acontece que o filho dele, chamava-se Davi, foi personagem de uma, de um evento de grande sensacionalismo, não só em Belo Horizonte como no Brasil todo. O Davi, até a idade de dezoito anos chamava-se Emília, freqüentou escolas do sexo feminino, foi orador da turma dele na turma do Santa Maria e convivia na alta sociedade aqui. Tinha uma família muito importante, que tinha casa de campo, que convidava para ir passar fins de semana. E ele convivia com essas moças na qualidade de Emília, indivíduo do sexo feminino. Que isto causou muito constrangimento a estas moças depois do que sucedeu. O Davi tinha comportamentos estranhos, ele vivia uma vida desregrada, e achava que para, na situação devia viver como um homem mesmo, e com isto ele desgastou muito a vida. Ele era um indivíduo fraco e acabou adoecendo e chegou, apesar, chegou, chegou até a ser noivo de uma moça da Floresta, mas acabou adoecendo e morreu de tuberculose. Agora um fato interessante da vida dele. Eu não sei por que razão, porque ele já havia passado há muito tempo, de ter o aparecimento dos caracteres secundários do sexo, e, e não sei se não apareceram, porque era um indivíduo um pouco, pouco desenvolvido, eu não sei o que houve. O certo é que ele viveu como Emília, fez o curso inteiro como Emília, mas com 18 anos resolveu procurar o doutor Davi Rabelo, o

professor Davi Rabelo. E o Rabelo constatou que ele era homem, e que mediante uma pequena intervenção ele o transformaria em homem. Isso foi feito, e o Davi levou então o Emília, que nesse caso não era Emília mais, não é? para o Rio de Janeiro. Fez a intervenção aqui, levou para o Rio de Janeiro, eh, comunicou o fato à Sociedade de Medicina, com audiência da imprensa. O "causo", o caso causou um sensacionalismo extraordinário na imprensa, não só de Belo Horizonte como do Rio de Janeiro, porque era um caso de transformação de sexo. E esse indivíduo viveu conosco na república com o nome de Davi, até que nós desmanchássemos a república. Ah, bom! Nós usamos república o que havia lá dentro da casa, ele era pianista, tocava piano e naquela época eu também tocava flauta, não é? De maneira que, às vezes, nós fazíamos lá um, um, uma noitada musical para... que não era do agrado do Capanema. Porque o Capanema vivia estudando, nunca vi. Ele vivia dia e noite no livro, independente do companheiro dele, o Gabriel Passos que era muito estudioso também, muito inteligente, mas como o Capanema eu nunca vi, era uma coisa incrível. O Capanema ele ia para a aula, e na república ele só ficava de cotovelo na mesa e estudando.

**Juf:** E como que... Como que foi o convívio lá com o Davi? Quando vocês conviveram com o Davi, vocês sabiam da, da história?

**JF:** //Nós// convivemos com o Davi deve ser da década de 20. Eu não [??] me lembro exatamente o ano porque foi quando nós fundamos a república, na década de 20.

**Juf:** E os senhores sabiam da história? Todo mundo sabia da história?

**JF:** Como?

**Juf:** Todo mundo sabia da história?

**JF:** A história! Ficou sabendo, não é? Todo mundo ficou sabendo porque porque foi um grande, um grande escândalo, os jornais todos publicaram. Tanto que ele, ele ah, adotou o nome do Davi Rabelo que foi o cirurgião que o transformou em homem, não é? Foi um escândalo, escândalo com, com constrangimento para essas famílias, com as moças que tinham tido intimidades com ele, não é?

**Juf:** Agora, voltando um pouco na semana passada, a gente queria que você falasse mais do jornal do Romanelli. Que o senhor falou duas coisas: que era de oposição; o jornal era de oposição a quem? E o senhor lembra do nome do jornal?

**JF:** O jornal era, chamava-se "A Tarde". Era um jornal que ele fazia o, o, o... o Romanelli sempre foi um político de oposição, ele fazia oposição ao governo. Na ocasião o governo era [...], o Júlio Brandão. Ele fazia oposição ao governo, e, por isso mesmo, e hoje mesmo a imprensa é, é uma atividade cara. Na, ... ele fazendo oposição, se não tivesse uma, uma ajuda de custo, de poderes públicos, de qualquer empresa ele não tinha condições de, de continuar com o jornal. E foi o que aconteceu. Logo no princípio ele ven... vendemos assinaturas, algumas publicidades, mas desde que essa publicidade cessou os representantes não, não, não renovaram a publicidade e o jornal acabou.

**Juf:** E qual que era o partido do governo, o partido político?

**JF:** O partido político?

**Juf:** Que estava no governo?

**JF:** Não sei não. /Não?/ Não. Eu só sei que ele fazia oposição. Ele fazia oposição por fazer oposição. [risos]

**Juf:** Qualquer que fosse? partido?

**JF:** //É, como ele// dizia: "La montre [???" diz. Quem é o governo? Eu sou da oposição." [risos] Era um homem muito valente. Ele depois... disse... que ele fechou o jornal, ele foi professor de alemão da Escola de Medicina, morreu com o cargo de professor de alemão na Faculdade de Medicina. Eu esqueci de mencionar, quando eu mencionei os oito irmãos da minha família, que todos são mortos. Eu sou o caçula, o único que permanece.

**Juf:** E outra coisa que a gente queria voltar um pouco, da semana passada, aquele, aqueles casos que o senhor começou a contar depois que a gente tinha desligado o gravador, dos professores particulares.

**JF:** Ah, sim. Não, a, a, porque conforme eu havia dito a você, havia dois colégios oficiais, que eram o Colégio Mineiro e o Colégio Arnaldo, que aceitavam. O Colégio Arnaldo tinha até internato, para dizer [???]. Agora, a maioria dos estudantes, estudantes pobres, estudava com professores particulares, [tosse] e faziam exames no fim do ano. O exame tinha que ser feito no Ginásio Mineiro. Chamava-se exame parcelado. Quem tem que fazer... aí dependia de uma certa, de uma certa... Ou melhor, ele, era necessário uma certa dependência; não se podia fazer o exame de francês se não tivesse o de português; não se podia fazer o exame de matemática se não tivesse o de aritmética. Mas independente disso não havia nenhuma restrição, era só chegar no Ginásio, requerer o exame X, nem precisava de atestado que estudou com prováveis professores. Os professores que nós, quer que fale? Quer que fale qual? /Quero/ Os professores da época, que eram professores de grande nome, que até hoje têm o nome perpetuado em ruas, eram o professor Morais, que era o famoso professor Morais, que era professor de, de português e francês. O professor Nilton Peçanha, que era professor de Física e Química, o professor Cláudio Brandão, que era professor de latim, e, às vezes, francês também. E tinha o inglês, o mister Watson, que era o professor de inglês. É, o, o, os professores todos assinalados davam as aulas nas suas residências, com exceção do Nilo Peçanha que alugou uma sala na rua Guajajaras, onde hoje é a Associação Médica, e dava aula lá. E o mister Watson que dava aula também na rua Guajajaras numa outra sala, no quarteirão de cima. Esse mister Watson tinha uma característica muito pitoresca. Ele iniciava as aulas fazendo uma espécie de cobrança, não é? [ri] Ele dizia: "Fulano de tal, fulano de tal! Sem vergonha, não me pagou a última prestação do mês" [ri]. Mas era um professor, um bom professor, eu, durante as aulas do professor Watson, eu fiz grande amizade com o Abigar Renault, e até hoje nós somos amigos. Amigos por correspondência, porque ele mudou-se para o Rio, não é? Eu tenho dois grandes amigos que moram no Rio e que nós apenas correspondemos raramente. É o Abigar Renault e Ciro dos Anjos [...] era amigo do Waldemar, irmão do Ciro, mas esse faleceu.

**Juf:** Agora vamos falar um pouco da medicina, quando o senhor volta da Alemanha. Falar um pouco do hospital, de como que o senhor abre o seu consultório, como que era a situação da medicina na cidade.

**JF:** Depois que eu venho da Alemanha, ou antes?

**Juf:** Depois.

**JF:** Depois. E quando eu cheguei da Alemanha, a, a medicina era conceituada. Tinha bons professores, tinha professores até que tinham feito estágio no, nos Estados Unidos, como Carlos Chagas, que era professor de anatomia patológica. O professor Balena que era um clínico de renome, não só um grande professor, como era o detentor de toda a clínica médica de Belo Horizonte. E a Escola era uma escola de, apesar de não ser oficializada, uma escola de nome, por causa dos professores e dos grupos de alunos daqui. Os alunos faziam uma injustiça à escola. Como naquela época transferir para o Rio de Janeiro era muito fácil, a maioria, tanto que as turmas, eu vou mostrar depois o meu quadro, é turma pequena. Tanto que as turmas aqui eram pequenas, porque eles estudavam aqui até o quinto ano. No sexto ano transferiam para o Rio para formar pelo Rio, que o Rio era Universidade. Agora em 1927, a, a Escola foi transformada, foi anexada à Universidade de Brasil e considerada como universidade e o primeiro reitor foi Mendes Pimentel.

**Juf:** E aí o senhor voltou para o hospital?

**JF:** Eu, eu voltei para o hospital, onde eu, onde eu trabalhava antes, no hospital São Vicente de Paula. E quando eu cheguei aqui o Olegário era presidente e o Capanema, que tinha sido meu colega, era Secretário do Interior. Então o Capanema telefonou para mim e me disse que estava guardando um cargo para mim mas que havia muitos candidatos e que eu resolvesse logo se aceitava ou não porque ele queria ficar livre dos pedidos, e me ofereceu o cargo de radiologista do Hospital Militar. Onde eu trabalhei até 1955, quando eu me reformei com o posto de tenente coronel. Passei para a reserva remunerada como tenente coronel sendo promovido depois, de limite da idade a Coronel. Hoje eu sou um coronel reformado da Polícia Militar. Logo depois que eu trabalhei uns, alguns meses no meu consultório particular no, no, meu, no hospital São Vicente e no hospital Militar, eu convidei o Flávio Marques Lisboa para nós montarmos um consultório particular. Então nós instalamos o primeiro consultório particular de radiologia em Belo Horizonte no edifício Bleriot. Esse edifício tinha uma característica interessante. Às seis horas da tarde, ele tinha um farol, às seis horas da tarde o farol circulava a cidade, comunicando que eram seis horas, não é? Lá no edifício Bleriot eu trabalhei com o Flávio até que o Almirante Carneiro Resende construiu o primeiro arranha-céu de Belo Horizonte, que é o edifício Ibaté. Sabe onde é?

**Juf:** Na rua Tupinambás?

**JF:** É, rua Tupinambás. Não. /Não?/ É na rua...

[D. Dulce: São Paulo!]

**JF:** Hein?

[D. Dulce: São Paulo.]

**Juf:** São Paulo.

**JF:** É na rua São Paulo, esquina com, com Afonso Pena. Esse foi o primeiro arranha-céu construído em Belo Horizonte, o edifício... Quer dizer, arranha-céu é o edifício de mais de três pavimentos. E o Alvimar Resende era muito meu amigo e me convidou para transferir para o edifício. Fez adaptações à vontade para mim e eu trabalhei nesse edifício com o Flávio Marques Lisboa, [tosse] até que o Balena resolveu construir um edifício também... O Balena construiu um edifício que foi o terceiro arranha-céu. O segundo arranha-

céu foi o edifício Capixaba, na rua Rio de Janeiro quase esquina de Tupinambás. E o do Balena na rua Tupinambás no quarteirão entre Rio de Janeiro e a avenida. Lá nesse edifício que tem o nome de edifício Império, que era do Balena, propriedade do Balena. Balena conseguiu esse edifício e convidou médicos para ocuparem o edifício. Era um edifício ocupado só por médicos que depois foi, foi a morada do Djalma Andrade. Djalma Andrade vocês conheceram, não é? Foi um poeta, humorista, que publicava todos os dias umas crônicas. Essas crônicas eram escritas lá na farmácia da namorada dele, uma senhora já idosa, muito feia. [risos] Eu sei... viu? o, o,... permanentemente estava o Djalma Andrade lá na farmácia. Agora os outros pavimentos eram só de médicos. Não precisa citar o nome não, não é?

**Juf:** Não, não! Aquele primeiro edifício, o "Briot", ficava onde?

[D. Dulce: Bleriot.]

**Juf:** Bririot.

[D. Dulce: Não, Bleriot!]

**Juf:** Bleriot. O primeiro edifício, o Bleriot, ficava aonde?

**JF:** //Ah, o Bleriot?// O Bleriot ficava na Rio de Janeiro onde anteriormente foi a, a Sloper, até há pouco tempo foi a Sloper.

**Juf:** E como é que era o trabalho? O, o, o outro médico que dividia a clínica com o senhor...

**JF:** Ah o movimento, era um movimento que não modificou, a não ser o progresso da especialidade.

**Juf:** Eram clientes particulares?

**JF:** Era cliente particular. Eu no princípio tinha a clínica muito grande e trabalhava sozinho, só atendia doente particular. Não atendia não tinha convênio com nenhuma instituição. Aliás naquela ocasião, logo no princípio que eu, que eu insta..., que eu instalei o aparelho, o, o, a, o consultório, em 1934, não havia ainda... não havia essas instituições médicas. Eu só comecei a tratar, só fiz, atendi para, ah, uma instituição médica quando seu irmão Evaldo, seu pai //meu pai// Evaldo começou a trabalhar comigo, então eu fiz um contrato com a CART - é Carteira de Acidente do Trabalho, para dar mais movimento ao consultório. Mas eu tive uma clínica muito grande, de maneira que não, não me interessava trabalhar para, para essas instituições filantrópicas, porque, mesmo eu trabalhando na clínica particular... Naquela época nós éramos muito modestos, cobrávamos preços muito baixos. Tanto que todos os médicos daquela época, não citamos um médico da época que tenha ficado rico. O Balena que tinha a maior clínica de Belo Horizonte morreu pobre. O Borges da Costa, que era o primeiro cirurgião, apenas tinha casa. A única coisa que eles trabalhavam, trabalhavam para construir as suas residências e não, não... as rendas particulares deles não ultrapassavam disso.

**Juf:** E o senhor visitava doentes em casa? Havia essa, esse, consult... visitar doentes em casa? Tinha isso? /Hum?/ Ah, visitar doentes em casa?

**JF:** Não! ... Isto é, é, visitar doente propriamente para consulta, não. Mas eu comprei um aparelho portátil, esse aparelho portátil fazia radiografias em pacientes que, que não tinham condições de ir ao consultório. Mas



esse aparelho portátil eu acabei depois vendendo porque teve uma ocasião que eu... fui chamado para fazer uma radiografia a domicílio, cheguei em casa às 11 horas, cheguei em casa cansado, eu [gagueja um pouco] tive que passar no consultório para revelar as chapas para dar o relatório pelo telefone para o médico. Cheguei em casa cansado, a hora em que eu comecei a dormir me chamava para atender a um outro cliente. Esse cliente eu sei até hoje o nome dele, é doutor Carlos Campos, que era um homem, um político de renome. Eu fui, atendi, no dia seguinte procurei vender o aparelho, porque eu tinha uma clínica muito grande e fazer uma radiografia a domicílio era muito penoso. Porque as condições técnicas variavam muito, não? [Pausa].

**Juf:** Bom, e havia muitos hospitais em Belo Horizonte, como é que era a medicina em geral? Porque hoje a medicina, ah, a situação da saúde no Brasil tá muito crítica, não é?, muito difícil. Como que era naquela época?

**JF:** A medicina naquela época era uma medicina puramente liberal, não? Não havia contratos, a não ser depois, posteriormente é que surgiram contratos com institutos. Quando esses institutos se iniciaram, não é? Mas, naquela época a medicina era puramente liberal, e a medicina de, os médicos de maior clínica, geralmente eram professores. O clínico de maior clínica era o Alfredo Balena. O cirurgião que tinha pa..., era o maior cirurgião, tinha a maior clínica e operava era o Borges da Costa e Otaviano de Almeida. Ambos excelentes cirurgiões. Ginecologista era o Hugo Werneck, que tinha o seu consultório particular e era professor da, da Escola e trabalhava na Santa Casa. E os médicos naquela ocasião saíam de casa às sete da manhã e voltavam às oito, nove, dez horas da noite.

**Juf:** E os pobres? Como geralmente que, que, que tinham medicina?

**JF:** //Os pobres eram atendidos// pela Santa Casa e muitas vezes também no consultório médico. Eu me lembro que um dia um senhor sentou na minha frente, no consultório e me disse: "Doutor Ferolla, eu sofro do estômago"... Vou abrir um parênteses aqui. Eu me "especialiei" na Alemanha principalmente em aparelho digestivo, não é? Ele disse: "Eu sei que o senhor é um bom radiologista do aparelho digestivo, eu queria fazer uma radiografia com o senhor mas eu não... eu não tenho condições econômicas". Eu falei com ele: "Você pode vir de, em jejum aqui amanhã?" Ele disse: "Posso!" Então ele, no dia seguinte ele foi no meu consultório, no consultório particular, onde eu fiz o exame gratuitamente. Tô citando este procedimento meu porque não era um procedimento único. Era um procedimento de toda a classe médica da ocasião. A classe médica atendia os doentes que podiam pagar e atendia também os pobres que, os pobres ou indivíduos da classe média. Agora, os indivíduos mesmo sem nenhum recurso financeiro eram atendidos pelos... pela Santa Casa. Pela Santa Casa, os militares pelo Hospital Militar.

**Juf:** E o senhor continuou no Hospital Militar até quando?

**JF:** Eu continuei no Hospital Militar até 1955, quando reformei com trinta anos de serviço. Tanto que eu não reformei, eu passei para a reserva remunerada, no posto de tenente coronel, que era o posto que eu ocupava. Porque eu não podia ser promovido antes de 60 anos. Eu consegui essa aposentadoria do, com 55 anos, porque contei tempo do serviço federal, o tempo que eu trabalhei nos correios, o tempo universitário. Naquela época para aposentadoria contava tudo. Então eu me reformei muito jovem. Aí eu me dediquei, passei a me dedicar exclusivamente ao meu consultório particular.

**Juf:** Agora vamos falar de coisas alegres. Como que foi a sua volta da Alemanha, em termos da sua vida particular e social? O senhor falou que o senhor voltou muito alegre, que o senhor dançava muito, que o senhor aprendeu muito a namorar, a cortejar moças... /Não./ Que era uma vida muito livre na Alemanha. Como que foi a volta? Namoradas?

**JF:** //Ah, Eu ainda não te contei não? Que lá na Alemanha /Ahn?/, eu quando fui para a Alemanha eu ganhei uma bolsa de estudos e foi a bolsa de estudos [tosse] feito por um, um oferecimento verbal. Porque eu tendo sido o primeiro radiologista daqui eu propicieei a venda que, que a, que a, propicieei a venda de vários aparelhos para a Siemens. A Siemens era representada pela casa Lorner. Sem nenhum interesse, eram aqueles colegas do interior ou daqui mesmo que vinham me perguntar que tal eu achava o aparelho. Eu dizia a verdade e mostrava o aparelho, que era ele, um aparelho que eu me lembro até o nome dele, chamava Polificus [???]. E com isso o doutor Frederico Lorner que era Presidente da Casa Lorner que representava a Siemens, veio aqui um dia e falou comigo. Falou: "Olha, nós estamos muito agradecidos a você, porque nós já fizemos bons negócios aqui no Estado por indicação sua". "Eu não quero te ofender, mas quero te oferecer uma"... "bom, você não tinha vontade de ir à Alemanha?" Eu falei: "Tinha, mas eu não tenho condições". Ele disse: "E se eu oferecer uma bolsa de estudos?" "Pensão e ensino, são as bolsas de estudo que eu posso te oferecer". Eu fui... eu ainda respondi para ele: "Dr. Lorner, eu vou amanhã". Mas esse amanhã, eu, foi uma brincadeira que eu fiz com ele que eu corrigi logo, dizendo: "Eu não, não conheço o alemão, eu peço ao senhor o prazo de uns meses para estudar alemão". E comecei a estudar alemão com afinco. Mas alemão é uma língua difícil, não é? Especialmente difícil a gente estudar num país estranho. E, uma noite eu, não sei se foi sonho ou se eu pensei mesmo, que a minha bolsa de estudo era uma bolsa de um oferecimento verbal. Não havia nenhum documento por escrito. O doutor Frederico Lorner era presidente de uma sociedade anônima, que poderia de uma hora para outra mudar de presidente e eu ficava sem, sem a bolsa. Então eu telefonei para ele: "Doutor Frederico, eu estou pronto para ir". Então ele disse: "Então eu estou às suas ordens". Eu arrumei as minhas malas, tinha um Fordeco, umas coisas aqui, vendi, apurei um dinheirinho e comprei marcos. Naquela ocasião era fácil, a gente chegava no câmbio, via lá o câmbio, era dois mil réis que custava o marco. Eu comprei cinco... dois mil e quinhentos o marco, e embarquei para a Alemanha. Agora eu, eu tinha um emprego na Escola de Medicina, não é? Na Escola de Medicina eu era preparador de física. E o Balena que era diretor na ocasião me pôs à disposição da Escola para ir. De maneira que eu tinha essa verba que eu levei e uma pequena verba que eu, eu não me lembro quanto eu ganhava. Eu não sei se era 150, acho que era 150\$000 por mês. Ele mandava isso em marco todo mês para mim na Alemanha. Lá na Alemanha, chegado na Alemanha eu tomei logo uma professora. Mas essa professora exigia tanto de mim, tanto dever, que eu não tinha tempo senão para estudar alemão. Eu era... vou te dar um exemplo de um dever que ela passou para mim uma vez: "Olha, você vai fazer o seguinte: A sua aula é uma aula semanal. Você vai me trazer escrito, em alemão, tudo o que você fez durante a semana". Pro principiante era, era, era uma coisa muito difícil. Eu então, lá no, na pensão onde eu morava, tinha um professor que visitava a, os alunos lá, os alunos que, os hóspedes que se tornavam alunos. Era o velho Dostche. Então eu tomei aula com ele e com ele... e teve que ir aprendendo mesmo como um menino aprende a língua, eu aprendi o alemão o suficiente para, para acompanhar a minha especialidade. Porque a minha especialidade é uma especialidade mais de ver do que de olhar, não

é? Nós radiologistas interpretamos imagens. Então a gente, mesmo sem poder falar, vendo as imagens, a gente estava aprendendo. Mas eu comecei a me comunicar com os colegas em francês. Eu falava bem o francês naquela ocasião. E os, os médicos alemães todos falavam francês. E se eu fiquei na Alemanha, e me diverti também, não é? Eu traba... ia para o hospital às sete horas da manhã, trabalha até meio-dia, sem descanso. Ao meio dia dava uma parada...

**FIM DO LADO A**

## Entrevista - fita 2 - lado B

**JF:** Fazíamos uma pausa, fazia um pequeno lanche e continuava a trabalhar até as duas horas. Saía do hospital. Entrava no hospital às sete e saía às duas horas. Duas horas vinha para casa, almoçava, descansava um pouco e depois ia dar um passeio, a não ser nos dias de aula, porque eu tinha aula uma vez por semana. Com isso eu aprendi o alemão como uma criança aprende uma língua, todo cheio de defeitos. As regras que era para, para que a primeira professora me ensinava eu acabei aprendendo mais de ouvido. Eu sei, por exemplo que a preposição - Fala algumas palavras em alemão -, então a gente fala: [...], quer dizer, "sobre a mesa". Por causa do ouvido, então eu aprendi alemão assim.

**Juf:** E aí o senhor volta, e fica muito namorado. Conta aí para a gente.

**JF:** //Não.// Isso foi [risos] A Dulce tá aqui ao lado, ela sabe, é fama de namorado. Eu, tinha um diretório de estudantes lá na, no, no Bleriot onde eu tinha consultório, era no último andar. Eu freqüentava, dançava muito e eu era muito, muito solicitado, modéstia à parte, não é? E não era namorado não, eu dançava e, eram uns flertes. Namoro sério mesmo que eu tive foi com a primeira, quando eu era estudante de preparatório ainda, foi com uma moça chamada Fabíola, morava na rua Guajajaras e depois, quando eu voltei da Alemanha, com a Dulce, com quem eu me casei e tal.

**Juf:** E, e, o que é que o senhor fazia à noite? Dançava, o cinema, não é? O senhor continuou a ir ao cinema, que o senhor falou que gostava tanto?

**JF:** É. Quase sempre cinema, não é? Quase sempre. Também era a única produção. Cinema e teatro. Havia naquela ocasião muito teatro, muita opereta, teatro de opereta. Comumente tinha... O Teatro Municipal era um prédio que devia ter sido tombado. Era um prédio localizado ali no início da rua Goiás, era Goiás com Afonso, com rua da Bahia. Um prédio que era uma beleza. Tinha embaixo uma fila de, de cadeira, tinha depois... eu não me lembro qual é o nome. Como é que chama essa?

**Juf:** Camarote?

**JF:** Camarote era em cima. Frisa.

**Juf:** //Frisa?//

**JF:** É, tinha frisas e os camarotes. Os camarotes todos vestidos de veludo vermelho. Tinha muita opereta naquela ocasião. E eu, como tinha trabalhado, com o jornal... tinha uma, uma, uma permanente para freqüentar casa de diversão. E eu fiz uma malandragem. Quando o jornal acabou eu fiquei com a permanente até que, que eu vi que a minha permanente ia ser ameaçada, então eu consumi a permanente. Mas freqüentei muita coisa com a permanente de repórter do Diário da Tarde.

**Juf:** E a turma de amigos? A turma de amigos? O senhor fez muitos amigos, como que o senhor encontrava os amigos?

**JF:** Nós nos encontrávamos sempre, o ponto de encontro era em frente ao Odeon, na rua da Bahia, lá embaixo. Porque, conforme eu disse a você, naquela ocasião, a rua da Bahia é que concentrava tudo, tudo. Diversões, lanchonetes era a rua da Bahia. Não de Afonso Pena para baixo, era de Afonso Pena até onde é o edifício Malleta, que tinha o Grande Hotel. Era um hotel... um dos melhores hotéis daqui, que hospedava os políticos. Esse trecho da rua da Bahia tinha o Cinema Odeon, tinha a lanchonete /o Trianon, diz dona Dulce/ tinha o outro lado, uma lanchonete que eu não guardo o nome dela, Elite, do outro lado o Trianon. Nós nos reuníamos ali, batíamos um papo, ia ao cinema. O cinema só tinha uma sessão. Era a sessão das oito. Depois, eu não sei quanto tempo então, é que o cinema começou a exibir duas sessões, uma às oito e outra às dez horas. Era o cinema Odeon que nós, que a elite de estudantes freqüentava. Tinha um outro cinema, o cinema Parque, mas esse era um cinema na zona boêmia. Tinha filmes e tinha também um grupo de, hum, variedades. Variedades um pouco avançadas, não é? Ulteriormente teve o cinema Comércio e depois o cinema Avenida. O cinema Avenida foi o cinema, o primeiro cinema falado, que nós freqüentamos aqui. E, não era, era propriamente, quando começou, era mais dublado do que falado, não é? Depois é que surgiram outros cinemas, o próprio Odeon, que continuou sendo o cinema da elite. Era o cinema da elite, que até as senhoras iam muito bem vestidas, de chapéu, de maneira que nos in... Chapéus enormes, chegavam a nos incomodar muito. E tinha uma outra característica muito interessante, parece que eu já falei com você, é que o doutor Lafaiete Brandão... O doutor Lafaiete Brandão era secretário, secretário vitalício, posso dizer assim, de todos os governos de Minas. Entrava governo, saía governo, mas o secretário particular era o Lafaiete Brandão. O Lafaiete Brandão tinha uma, cadeado, com uma cadeira cativa. Ele chegava e tirava o seu cadeado. E outra característica também do cinema, do cinema Odeon, que eu me lembro agora, era do Rodolfo Jacó. Morava perto do Balena na avenida Afonso Pena, um senhor, um senhor chamado Rodolfo Jacó, tinha uma porção de filhas. Essas filhas muito namoradeiras, de maneira que a casa dele, de tarde, depois do, do al..., do jantar era um inferno. Então ele ia para o cinema, sentava na primeira fila, cruzava os braços, virava a cabeça para trás e cochilava, não é?

**Juf:** E grandes festas na cidade, como carnaval, Semana Santa? Isso, como é que era?

**JF:** Ah, o carnaval, existia o carnaval e era um carnaval muito movimentado. O, a parte principal do carnaval era o que nós chamávamos de corso. O corso era feito na avenida Afonso Pena, até a praça 7, depois voltava e subia a rua da Bahia até o Grande Hotel, voltava outra vez até a praça 7. Ficava rodando, várias vezes. As moças nos car..., nos carros, os carros todos abertos, os rapazes de serpentina, quando as moças passavam jogavam serpentina nelas, não é? Depois que terminava o corso, havia uma passeata na rua da Bahia. Cada um passeava com a sua namorada, da avenida Afonso Pena até o Grande Hotel. Mas o passeio não era nem de braço dado, era um passeio ao lado, conversando só, viu? /No meu tempo não! diz dona Dulce/ [risos].

**Juf:** E o footing? Como que era?

**JF:** Ah, o footing. O footing era na Praça da Liberdade. A Praça da Liberdade tinha o footing, e era interessante nesse footing era a separação dos dois lados. O footing de um lado era só de gente bem, e de outro lado era de [...]. Ali surgiam muitos namoros. Antes eu... Um fato interessante com esse footing é o seguinte. Quando eu fui para, para a Alemanha, o footing de gente bem era de um lado, e de gente segunda classe

era de outro lado. Quando eu cheguei eles tinham invertido [ri], eu não sei porque. Eu fui chegando, fui logo no meio do poço [??] e estou vendo uma porção de domésticas, achei estranho aquilo, então falou: "não, seu lugar é lá, do outro lado", não é?

**Juf:** E a Praça Raul Soares, tinha alguma coisa?

**JF:** A Praça Raul Soares não, a praça Raul Soares não tinha coisa de diversão. O, a praça Raul Soares, o que caracterizava ela é que tinha umas fontes luminosas muito bonitas, coloridas, mas não era ponto de reunião, não. Onde deu a vida de Belo Horizonte era a rua da Bahia e Afonso Pena até, até a Praça 7.

**Juf:** E o senhor lembra de alguma coisa interessante? Dessa época? de algum acontecimento assim nessa parte, de namoro...?

**JF:** Como?

**Juf:** De estudante? Se o senhor lembra de alguma coisa interessante assim para contar para a gente.

**JF:** Não, não havia coisa interessante. Ah, Belo Horizonte era uma cidade muito pacata, não havia nada de interessante. Interessante era a vida social dos estudantes. Que era, tinha o diretório dos Estudantes, que era no último andar do Bleriot, onde eu tinha consultório, onde havia dança todos os sábados. E o Clube Belo Horizonte...

**Juf:** Onde o senhor dançava muito?

**JF:** Eu já falei que eu dançava não?, no Clube Belo Horizonte. Era em cima, era na rua da Bahia, esquina com Afonso Pena. Embaixo, tinha um vendedor de loterias e revistas, o Jácomo. Chamava-se Jácomo. E tinha a coisa, que era uma coisa que existia naquela época, que é engraxate. Não existe isso mais. Em quase todas as esquinas existia a cadeira. Você sentava e o sujeito vinha e engraxava o sapato. Todo mundo andava com seus sapatos polidos, porque tinha os engraxates.

**Juf:** Bom, e agora vamos falar um pouco do namoro com a tia Dulce. Como que foi, como que o senhor a conheceu.

**JF:** O namoro meu com a Dulce foi um namoro de... de... de, de como se diz assim de primeira vista. Ela estava no cinema. Aí, foi no Cinema Avenida!

[D. Dulce: Brasil, foi na inauguração do cinema.]

**JF:** Ah, cinema Brasil, o cine onde existe até hoje, um cinema grande, o cinema Brasil. Ela estava no cinema Brasil, eu entrei, vi. Ela estava com Ester Assumpção. Eu entrei, achei ela muito bonita e falei comigo mesmo: "Eu vou namorar essa moça". E entrei, havia uma cadeira vaga, perto, eu conhecia a Ester, eu sentei e cumprimentei a Ester. A Ester me apresentou e começou o namoro já nesse dia. Depois o prosseguimento do namoro, namoro. Ela morava lá na rua Jacuí com a tia dela, a mãe da Maria Geralda. E lá nós fomos //Avenida Amazonas// - interrompe dona Dulce - E o namoro do cinema passou para a avenida Amazonas, onde morava o pai da, da Ester Assumpção. Você conhece a Ester Assumpção, não é? chamavam ele, elas chamavam ele de padrinho Tininho. Lá nós namorávamos sentados na varanda, com todo o respeito o namoro. E daí então que o namoro passou para a Floresta. Na casa da tia Xica, mãe da

Maria Geralda. De lá foi até, até o casamento.

**Juf:** E como que era o namoro? Namorava em casa? E como é que era para sair? /Como?/ Como que era para sair com a namorada?

**JF:** Para sair, saía sempre com, sempre com uma companheira, não saía sozinha, não. Naquela época namoro nunca saía sozinho, tinha sempre um companheiro, não?

**Juf:** E quanto tempo foi entre o namoro e o casamento, mais ou menos?

**JF:** O namoro foi muito rápido entre o namoro e o casamento acho foram uns seis meses, não é? [risos]

**Juf:** Seis meses só?

**JF:** [risos] Só seis meses.

**Juf:** Isso foi [risos] a jato.

**JF:** É! [risos]

[Dona Dulce: Um mês de namoro e sete de noivado, seis de noivado.]

**Juf:** [risos] Foi super rápido, então. Um de namoro e seis de noivado.

**JF:** //Foi muito rápido//. Eu não me lembro exatamente de tudo, porque ela tem a memória melhor que eu, mas foi um namoro muito rápido.

**Juf:** //E como foi...?"

**JF:** //E já estava...// Foi um namoro muito rápido e eu já estava me sentindo velho. Naquela ocasião eu tinha 34 anos.

**Juf:** 32? - pequena pausa.

**AT:** 32?

**JF:** 32 não, eu voltei, era... Ah, tem razão, eu voltei da Alemanha, eu tinha 32. Um homem de trinta, de trinta e tantos anos era velho. Tanto que eu fui visitar a Dulce no Carmo do Paranaíba e, eles lá, todos comentavam que ela estava namorando um velho.

**Juf:** Qual que era a diferença de idade, mais ou menos?

**JF:** A diferença de idade é de onze anos.

**Juf:** E aí, como é que foi o casamento?

**JF:** O casamento, o casamento foi muito simples. Nós... Primeiro porque éramos... Eu morava com a minha irmã que não podia me dar uma boa assistência, não é? Nessa ocasião, depois dessas reviravoltas todas, não é, quando eu voltei, eu voltei a morar com a minha irmã lá na rua Piauí. E a Dulce também morava com as tias que também que não deram muito boa assistência a ela. Agora eu convidei vários amigos. Os colegas médicos todos compareceram, e nós casamos de tarde no religioso, no dia 9 de julho. O cartório lá na rua, na rua, uma rua lá na Floresta, eu não me lembro o nome da rua. Eu me lembro que logo depois do casamento, o casamento só com as testemunhas e o senhor Furtado presente. Logo depois do casamento eu

peguei o braço dela, pus dentro de uma barata Fiat que tinha e falei: "Então, até logo!" O senhor Furtado, o senhor Furtado ficou muito assustado: "Uai, onde é que você vai levar minha filha?" [risos] Eu falei: "Ora, senhor Furtado, ela agora é minha mulher, eu a levo aonde eu quiser, não é?"

**Juf:** E para onde que o senhor a levou?

**JF:** Eu não a levei para parte nenhuma, nós passeamos, ficamos na cidade. Acho que eu a levei para a casa dela, não é?

**Juf:** E a lua-de-mel? Aí teve viagem ou o senhor ficou direto aqui em Belo Horizonte?

**JF:** Não, nós ficamos em Belo Horizonte, casamos no dia seguinte, casamos no religioso às dez horas na Igreja de Lourdes. Aí, logo depois, nós nos despedimos e fi... e viajamos pro Rio. Viajamos numa barata Fiat que eu tinha, que era um carro bonito. Com o ordenança lá atrás, eu era polícia, com o ordenança. E fomos daqui a Barbacena. Chegando em Barbacena a gasolina acabou no princípio da cidade. Tive que providenciar. E no dia seguinte ficamos no hotel, e eles prepararam o hotel. Era... Puseram uma manta especial para os recém-casados, porque estava um frio terrível em Barbacena, era o mês de julho, não é? No dia seguinte nós chegamos no Rio. Mas no Rio a gente tem lá parente, o Adauto Cardoso que era um, casado com a minha sobrinha, grande amigo meu, mesmo antes dele namorar a minha sobrinha, que era um grande amigo que fez... Ele estudou em Passos, em Belo Horizonte e depois transferiu-se para o Rio. Lá já encontramos hotel à nossa disposição, ficamos num hotel que era recém-inaugurado, chamava Miatan, que é na /na Lido - diz dona Dulce/. Tinha uma praçazinha pequena em frente ao hotel que eu não me lembro o nome dela.

[Dona Dulce: Lido!]

**Juf:** Lido, em Copacabana.

**JF:** Em Copacabana, mas tinha... Não era na avenida não, era recuado. O Miatan era recuado. Era um hotel novinho. Lá nós ficamos mais ou menos um mês, não é? /É!/ E tomávamos banho de mar todo dia, e fazíamos essas coisas, ah, de cidade grande. Na praia, praia naquela época não era praia que hoje a gente nem pode andar, não é? Tanto que nós tínhamos lá um clube de vôlei, de uns amigos. Nós improvisávamos o vôlei e divertíamos, e passávamos na praia até meio-dia, uma hora. Essa hora vinha para casa e cuidava logo da toilette para o almoço.

**Juf:** E aí quando o senhor voltou para Belo Horizonte, onde que vocês foram morar? /Hein?/ Onde vocês foram morar? Vocês tinham alugado uma casa? Comprado? Como é que foi?

**JF:** Onde, no Rio?

**Juf:** Não! Quando voltaram para Belo Horizonte.

**JF:** Quando nós formamos?

**Juf:** Não, quando vocês voltaram para Belo Horizonte.

**JF:** Ah, quando nós voltamos eu construí esta casa aqui em cima. Comecei a construir. Naquela ocasião, tempo farto, você imagina, aquela casa ficou em 34 contos. Essa daqui em 205. Mas eu construí a casa, mas a



casa não ficou pronta. Mesmo durante o noivado, não ficou pronta a casa, então eu fiquei, fiquei morando com a minha tia, não é? Com a minha irmã. Fiquei morando com a minha irmã lá na rua Piauí. Na rua Piauí com Afonso Pena. É 1592 na rua Piauí, o número eu guardo até hoje.

[Dona Dulce: Ficamos um mês.]

**JF:** Morei lá com a minha irmã, moramos lá até que a casa ficasse pronta. Depois que a casa ficasse pronta nós mudamos para aqui. Para aqui, a casa que é essa aqui de cima, na esquina de São Romão.

**Juf:** É essa aqui?

[Há um ruído, um defeito na fita.]

**Juf:** Conta aqui como que era o bairro. /Como?/ O bairro.

**JF:** O bairro não existia. Não havia nada. Eu comprei, fiz casa aqui, porque quando eu vim da Alemanha, fiquei muito amigo dos alemães. Então entrei para um clube chamado - o nome é citado em alemão - As meninas depois até riam muito quando eu falava - repete o nome. Porque *bunder* [???] é do verbo *Binder* [???] - Fala o verbo em diferentes tempos. É um verbo de, é uma pronúncia muito estranha, não é? Mas o verbo *bunder* é o verbo amarrar, não é? Se amarrar, se associar. Eu associei e tinha um alemão que morava na rua da Bahia, ele morava na rua São Romão com rua da Bahia. E ele me convidava sempre para vir para a casa dele e não havia nada aqui. A rua da Bahia, o Santo Antônio, só havia umas casinhas aqui na, na rua Leopoldina, ali embaixo, que ninguém sabe. Um casebres, não é? Mas não havia mais construção a não ser esta desse alemão, o Adolfo, uma casa de pedra. E dali eu via a cidade inteira. Formava uma circunferência inteira a cidade. A noite, então, era uma maravilha ali. Fiquei entusiasmado com o bairro, apesar de não ser o bairro mais afamado de Belo Horizonte. O bairro mais afamado, conforme eu disse para você, naquela ocasião era a Floresta e, Floresta e Serra. /Funcionários - diz dona Dulce/ O bairro de Santo Agostinho, não é?, aqui, não existiam. Entusiasmado com isso eu então construí essa casa. Depois eu construí uma casa em Lagoa Santa e gostei muito daquela amplidão de águas, etc e comecei a arrematar lotes aqui. E arrematamos cinco lotes e fiz essa outra casa. Eu não queria, de início, fazer uma casa grande assim. Mas o meu arquiteto, que era muito amigo nosso, o, o Ângelo Murquer, ele, deixei por conta dele e ele fez esse casarão, que... Pelo menos hoje eu não me arrependo porque eu vivo aqui com muito conforto. Estou vivendo aqui esses quarenta anos com muito conforto. Quase quarenta, não é?, cinquenta, foi 41. A casa ficou pronta em 41.

**Juf:** E os filhos, a chegada? A chegada dos filhos, como é que foi?

**JF:** A chegada dos filhos foi um por ano. [risos] Foi, no ano seguinte nasceu um no dia 14 de maio. No dia 14 de julho do ano seguinte tinha outro. Depois em /setembro - diz dona Dulce/ Depois em setembro, não é? /É!/ Setembro foi a Maria Helena. Era assim, num intervalo bom. Nós tivemos a infelicidade de perder um filho. Foi... nós tínhamos só, tinha tido mulheres. Tive um filho homem, esse teve uma pneumonia, ficou seis meses, não é? É, seis ou quatro meses, mais ou menos, eu não me lembro. Quatro meses. E pneumonia naquela época era morte certa, pneumonia em criança. Eu me lembro que o meu amigo alemão, e o alemão é um povo de grande experiência, não é? O alemão, logo que ele adoeceu falou: "Ih doutor Ferolla, a situação é muito grave". Antes de antibióticos, a pneumonia em criança era morte certa. Criança não tinha

condições de reagir a uma doença grave, intoxicante como é a pneumonia. Nós perdemos um menino que era uma beleza de criança, uma criança que tinha cabelos pretos e olhos azuis. Depois, depois disso ainda tivemos mais dois.

**Juf:** Quantos são ao todo?

**JF:** São cinco. Quatro homens, ... ao contrário, quatro mulheres e um homem. O homem é o caçula e as mulheres, a mais velha é bióloga, não é? A outra é decoradora, a logo abaixo é decoradora. A Maria Helena é dona de casa, não é, que é a terceira, casada com o Paulo Cesar Guimarães. A Ângela, depois de ser decoradora formou-se em direito na escola de Divinópolis. É advogada. E o Zé Eduardo é arquiteto, arquiteto/decorador. Todos já estão velhos, o Zé Eduardo que é o mais moço tem barba branquinha, não é?

**Juf:** E os netos? Netos?

**JF:** Netos eu tenho... Tenho seis netos e dois bisnetos. Também, numa família pequena, porque as duas filhas mais velhas não se casaram, a Marinês e a Lúcia não se casaram. Só tenho duas filhas casadas, a Maria Helena e a Ângela. A Ângela atualmente é até desquitada. Tem uma filha. A filha dela no momento está até aqui com uma torção de rótula.

**Juf:** E qual que era o programa com a família? Era ir muito para Lagoa Santa, como é que era o programa?

**JF:** É, o programa com a família, nós tirávamos férias uma vez por ano. Essas férias anuais eram sagradas. Às vezes, no princípio, nós combinávamos com esse meu amigo e parente Aduino, casado com a minha sobrinha, que mora lá na rua... Mora na rua do, rua... pegada à rua Nossa Senhora de Copacabana, a primeira rua, Toneleiros, não é?

[Dona Dulce: Domingos Ferreira.]

**Juf:** Domingos Ferreira.

[D. Dulce: Domingos Ferreira.]

**JF:** Ah, Domingos Ferreira. Eles têm lá um apartamento muito grande, muito bonito. Domingos Ferreira, nós íamos para o apartamento dele, e ele vinha para a minha casa. Nós até nos cruzávamos na, na cidade.

**Juf:** Na estrada?

**JF:** Na, na estrada! A viagem era uma viagem penosa até Juiz de Fora. Porque Juiz de Fora era cidade, era estrada de terra. A gente chegava lá com os cílios todos cheios de terra, chegava imundo em Juiz de Fora. Em Juiz de Fora então a gente parava lá, ficava assim... às vezes até nos dávamos o luxo de ir a um cinema à noite. No dia seguinte então mandava lavar o carro, e tudo. No dia seguinte nós, renovados, pegávamos a estrada de asfalto, que era a estrada, a antiga estrada União Indústria, aliás a primeira asfaltada aqui em Minas, e íamos para o Rio. No Rio, era aquela vidinha de cinema, praia até toda a manhã, cinema à tarde, e à noite teatro.

**Juf:** E a Lagoa Santa?

[Há um defeito na gravação.]

**JF:** Tinha também uma, um programa que era programa de todo carioca, era tomar chá na Colombo. Tinha duas Colombo, tinha uma Colombo na, na rua Gonçalves Dias e a [??] famosa Colombo, não é? Aquela que tem até aqueles versos, sassaricando, a respeito dos velhos na porta da Colombo, não é? Que lá era onde se reuniam as moças do Rio de Janeiro. E tinha outra Colombo em Copacabana. Mas esse chá da tarde também era uma coisa, era uma rotina na nossa vida.

**Juf:** E a Lagoa Santa?

**JF:** A Lagoa Santa surgiu... Conforme eu falei, eu fui conhecer Lagoa Santa depois que eu vim da Alemanha. Antes eu ia em Lagoa Santa fazer pic-nic, mas foi um picnic fracassado até. Reunimos uns rapazes e umas moças, eu já tinha o carro, já estava formado, já tinha o carro, e ficamos lá numa margem da lagoa, lá não tinha hotel, nem nada. E na hora de fazer o lanche, quando todo mundo começou a desembulhar o lanche, disse: "O quê que você trouxe?" "Eu trouxe um frango assado". "O quê que você trouxe?" "Eu trouxe um frango assado". [ri] Foi uma... Todo mundo tinha levado frango, frango assado. Nós acabamos jogando metade dos frangos assados dentro da lagoa e viemos embora. Agora quando, depois que eu voltei da, da Europa é que eu fui conhecer Lagoa Santa. É que esse amigo meu que morava aqui tinha uma amiga, a senhora Filho, era por sinal uma velha amiga, era, era meu amigo também o Filho, o marido dela. O casal chamava Filho, que tinha uma casa em Lagoa Santa. E eu ia, me convidaram para ir lá. Eu gostei muito da Lagoa Santa, fiz uma primeira casa com um terreno muito grande, era muito freqüentada. Bem, até num aniversário da Lúcia fizemos uma festa lá, não? No aniversário da Lúcia fizemos uma festa lá com baile, nós levamos uma orquestra daqui de Belo Horizonte. /Foi ônibus - diz dona Dulce/ E esses rapazes todos, uns que já morreram como o José Luiz, Zé Luiz, o Hélio Garcia, todos freqüentavam a nossa casa lá, em Lagoa Santa. Depois, essa casa era afastada da margem da lagoa. E quando nós descíamos para a lagoa, quando ia para lá ficava o dia inteiro na lagoa. De manhã descíamos para a lagoa, almoçava, descansava um pouquinho e voltava para a lagoa. E a Dulce estava quase sempre esperando filho [risos] de maneira que ela ficava em cima. Então resolvemos, compramos um terreno maior, e fiz uma casa melhor, na margem da lagoa, que eu tenho até hoje.

**Juf:** E acontecimentos importantes, que o senhor lembra? Por exemplo, a Revolução de 30? A guerra? O senhor lembra como que isso repercutiu aqui em Belo Horizonte?

**JF:** A guerra, a primeira guerra mundial eu era menino, foi em 1914. Quando eu vim da Alemanha, lá na Alemanha, não se pensava nem em guerra, porque o Hitler era ridicularizado, na roda de classe média, nos médicos, colegas. Eu lembro que lá na hora do nosso lanche, ao meio-dia, lá no hospital sempre falavam. "Imagina ontem, ele fazendo discurso, sacudindo os braços, aquilo é um demagogo". Era um homem que era ridicularizado, ninguém pensava em guerra. Eh, todo mundo estava pagando uma dívida de guerra que durava sessenta anos. Isso parece, isso, o Hitler lançou mão disso para, para entusiasmar o povo com a segun... com a política dele. Mas era assim, você tomava um café, um café, um café comum, você comprava - os pássaros da casa cantam, dificultando a audição - ou mesmo o café que custava, o café é caro lá, custava um marco. Você pagava dez por cento de - diz a palavra em alemão - que é a gorjeta, não é? e mais dez por cento de - diz outra palavra em alemão - que era o imposto de guerra. De maneira que o alemão não tinha condições de, de amearhar dinheiro. E por isso mesmo Berlim era a cidade mais alegre

da, da Europa. Eu conheci um correspondente inglês, correspondente de um jornal inglês que se hospedava sempre na minha pensão. Ele falava: "Ô Ferolla, essa, aqui é uma maravilha". "Você não precisa de fazer movimento, você quer ir num, num café típico, você desce aqui da sua pensão..."

### FIM DO LADO B DA FITA Nº 2

	<b>"</b>		<b>P</b>
"A Tarde", 3		Praça da Liberdade, 13 Praça Raul Soares, 13	
	<b>A</b>		<b>R</b>
Abigar Renault, 4 Alemanha, 4, 5, 8, 9, 11, 13, 15, 18, 20, 21		radiologista, 5, 8, 9 radiologistas, 10	
	<b>B</b>		<b>T</b>
Balena, 5, 6, 7, 8, 10, 13 Bleriot, 5, 6, 11, 14 Borges da Costa, 7, 8		Teatro Municipal, 11 Trianon, 12	
	<b>C</b>		
Capanema, 1, 5 Clube Belo Horizonte, 14 Colombo, 20			
	<b>D</b>		
Djalma Andrade, 6			
	<b>F</b>		
footing, 13			
	<b>G</b>		
Ginásio Mineiro, 4 Grande Hotel, 12, 13 guerra, 21			
	<b>H</b>		
Hitler, 21 Hospital Militar, 5, 8, 9			
	<b>L</b>		
Lafaiete Brandão, 12 Lorner, 9			
	<b>M</b>		
Medicina, 2, 3, 10			
	<b>O</b>		
Odeon, 12			





UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: "MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL"

ENTREVISTADORA: PROF<sup>a</sup> JÚNIA FERREIRA FURTADO

ANNY TORRES

ENTREVISTADO: JOSÉ FEROLLA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 22/05/92

### Entrevista - fita 3 - lado A

**JF:** ... Mas eu, quando estive na Alemanha, nem podia pensar que houvesse essa guerra, porque o povo tinha ódio do Hitler. Na roda, na classe, na classe que eu freqüentava, não é? Mas ele era um demagogo, naturalmente ele começou, ele começou a conquistar, ele conquistou a classe operária. Porque então, conforme eu disse, qualquer gasto que você pagava, você pagava uma dívida de guerra de sessenta anos, que foi imposta pelos aliados. Então o alemão procurava viver o dia, o dia-a-dia não é? O dia não tinha, não, não, não havia nada, nada. Queria viver a vida, sabendo que os... as condições de, de, econômicas eram condições muito difíceis. Então era muito comum, às duas horas da madrugada, você, na frente de uma vitrine ver um casal com uma criança, olhando vitrine como se fossem duas horas da tarde. A diversão mais, mais difundida em Berlim eram os cafés dançantes. Eram as boites de hoje. Os cafés dançantes pululavam por todo lado. Lá mesmo na minha pensão, então esse jornalista falava: "Você quer ver uma coisa típica, você desce aqui tem o - diz o nome em alemão -, que é a "Adega dos Ciganos". Na frente tem o Comedie, onde eles representam comédias, não é?" Eh, a vida era muito alegre. Esses cafés dançantes, tinha um café chamado Fenda que tinha uma característica. Em cada mesa tinha um abajur com um número e um telefone. De modo que quando você queria dançar com uma moça, você devia ter o cuidado de, de, de, de telefonar para a moça que não estivesse acompanhada. Que lá na Alemanha, naquela ocasião, eles respeitavam muito a moça que estava acompanhada. Ou então, quando estava acompanhada, mas estava sobrando, não é? Tinha um casal mais uma, a gente ligava o número do telefone, e convidava para dançar. Tinha também um correio você podia escrever também um bilhete e mandava entregar. Nessa, nessas diversões é que eu conheci o Juscelino, e o Juscelino espalhava o pé-de-dança dele, não é?

[Dona Dulce: Pé-de-Valsa. [risos]]

**Juf:** E aí, o senhor volta. Quanto tempo depois começou a guerra? Quanto tempo depois que o senhor voltou para o Brasil começou a guerra?

**JF:** Eu voltei depois de... Eu estive lá durante dez meses. Eu fui na, segundo semestre de 31 e voltei no primeiro semestre de... Voltei no primeiro semestre de... foi no segundo semestre de 30 e voltei no primeiro semestre de 31. E comecei a trabalhar logo, porque forma disso o Juscelino, por forma disso o Capanema tinha reservado um lugar na Polícia Militar.

**Juf:** E aí então, oito anos depois, começa a guerra?

**JF:** Oito anos depois estourou a guerra. Logo no princípio eu não acreditava. Falei: "Não é possível haver guerra". Mas o Hitler começou a fazer anexações, começou a desarmar. Primeira coisa que ele fez foi falar: "Hoje não se paga mais dívida de guerra". Aquilo entusiasmou o povo de um modo extraordinário, não é? E a, a, Renânia estava militarizada, com sol..., soldados aliados. Ele desmilitarizou a Renânia e iniciou uma propaganda política tremenda. Quando foi em 33 ele tomou, assumiu o governo.

**Juf:** E como que vocês aqui, sentiram a guerra, no dia-a-dia?

**JF:** Muito diferente. Eu, por exemplo, fui germanófilo, até que a Alemanha invadiu a Bel..., a Bélgica. Porque eu gostava da Alemanha. Ali eu vivi uma vida, a vida mais feliz da minha vida foi ali. Porque era uma vida de despreendimento. Eu não tinha família. Não tinha pai, nem parentes, só parentes irmãos, não é? Não tinha ninguém que dependesse de mim, precisasse de mim, a não ser essa dependência, eh, que eu tinha, compromisso que eu tinha com a bolsa de estudos, que era um compromisso moral, não é? Mas no resto não. Então era uma cidade alegre, cidade alegre, que você via noite e dia, durante a... assim... Berlim parava de, de, ... de cinco horas da manhã até as sete horas. Sete horas começava a trabalhar, às cinco encerrava a vida noturna. Maneira que no princípio eu não acreditei na guerra. Mas quando ele começou, desmilitarizou a Romênia, houve aquela, aquela conferência que apareceu aquele episódio [...]. Era o representante inglês.

**Juf:** Churchill?

**Juf:** Não era o Churchill não?

**JF:** Churchill não.

**JF:** Mas a conferência foi um fracasso. Nisso ele anexou a Tchecoslováquia. E houve um, houve um incidente, que eu não estou me lembrando mais. Mas houve um incidente que se deu qualquer, que se deu como desculpa e ele invadiu a, a, Polônia. A Polônia... ele invadiu a Polônia e derrotou a Polônia em quatro semanas. Tanto que ele dominava tudo em "lelitz krieg", quer dizer, "guerra relâmpago", não é? Krieg é guerra, lelitz, relâmpago. Invadiu a, a ... Até a invasão da Polônia eu ainda estava assim meio duvidoso, mas eu sempre falando que a pequenina Bélgica poderia ficar tranqüila, que ele não, não, não a atacaria. Nas, nas ondas, nas linhas lá, chamada "linha marginaux". Você já ouviu falar dessa "linha marginaux"? A linha marginaux era a divisa com a guerra, com a Bélgica, com, conseguiram as casamatas, de maneira que era uma verdadeira fortaleza terrestre. Mas eles esqueceram que a guerra de 1937, 37, não é?, não era a



guerra de 1914. E os aviões passavam por cima da casamata, invadiram a... /a Bélgica/ invadiram a Bélgica, o rei Alberto rendeu-se com um milhão, com o exército de um milhão. Ele foi muito criticado por isto. Mas ele disse: "Eu não vou, eu não vou sacrificar os meus soldados, os meus jovens, ante uma, uma máquina de guerra como essa que o Hitler montou. E aí ele se rendeu com um exército de mil homens /um milhão/ E aí ele continuou aquela guerra tremenda, a, a, Inglaterra entrou na guerra, os Estados Unidos. E foi aquela hecatombe que vocês todos devem, devem ter conhecimento disso pelos estudos de história, da história da guerra, não é?

**Juf:** E no dia-a-dia da vida da gente? Teve racionamento...?

**JF:** //Ah, o dia-a-dia// da vida modificou no mundo inteiro, inclusive aqui no Brasil. Eu tinha automóvel, mas não tinha gasolina. Meu automóvel ficava na garagem. Para ir para o consultório eu tinha que tomar um carro, pois só forneciam gasolina para os carros de praça. Não havia taxi. Os carros ficavam na avenida Afonso Pena, debaixo dos ficus, com as placas. Para pedir o carro era só dizer o número. Eu combinei com um, com um, um chofer que ficou fazendo o serviço. Me levava e me trazia e, às vezes, quando eu ia dar um passeio com a família inteira. Mas ficou muito restrito. Não só da parte de loco..., de locomoção, como também tudo o que dependia de, de, de, de gasolina, não é? de energia. É a vida de, de - pausa - de privações [...].

**Juf:** E a revolução de 30? A revolução de 30? A revolução de 30? //O senhor viu?//

**JF:** A revolução de 30 eu estive, eu não tive conhecimento dela. É que eu estava na Alemanha até 1930. Foi a Dulce que sofreu as conseqüências disso. É, inclusive, esse meu amigo Aduino Cardoso era apaixonado por uma sobrinha minha, com quem se casou e continuou apaixonado até morrer. E ela era apaixonada por ele, que ele já morreu há uns dez anos e até hoje a escova de dentes dele continua lá no apartamento, não tem ninguém. Moram, no apartamento, no apartamento, nós falamos que ela mora com o Aduino. Inclusive eu recebi um telegrama dele pedindo notícias da... de... recebi um telegrama dele em Berlim pedindo notícias da, da noiva. Porque Belo Horizonte ficou sitiada do Rio de Janeiro. Os que estavam aqui é que sofreram muitas restrições. As escolas fecharam, ... Mas foi uma revolução rápida, não é?

**Juf:** E o que é que o senhor lembra do Getúlio? A imagem do Getúlio? O que é que o senhor lembra?

**JF:** O Getúlio, eu pessoalmente nunca simpatizei muito com ele não. Primeiro porque ele era um ditador. E segundo porque era um gozador da vida e costumava assumir a responsabilidade de atos que não eram atos dele. Inclusive um importante, essa lei trabalhista, que foi a revolução trabalhista do Brasil não foi dele. O Aduino Cardoso, esse meu parente, que era, era advogado de um dos ministérios, ele me contou como foi que se passou. Diz que a lei, essa lei trabalhista foi di... dirigida pelo ministro do trabalho dele, Lindolfo Collor. Lindolfo Collor... Dizem que o Getúlio gostava muito de descansar depois do almoço. Diz que ele tava com o, o cachimbo dele descansando. Diz que o Lindolfo Collor chegou - o Aduino estava presente -, e falou: "Excelência, eu tenho um projeto de lei muito importante para ler para o senhor, porque eu acho que essa lei, esse projeto de lei o senhor deve promulgar amanhã que é dia 1º de março, que é dia do trabalhador".

[D. Dulce. //Maio.//]

**JF:** Diz que ele falou: "Então leia". O Lindolfo Collor começou a ler, e ele dormiu. Dormiu e o Lindolfo Collor parou a leitura. Diz que quando ele parou a leitura ele assustou, acordou e disse: "Dá-me, dá-me", e assinou o decreto. O decreto trabalhista, que o Getúlio ficou famoso como o pai dos trabalhadores, foi escrito assim, durante uma soneca, depois do almoço.

**Juf:** E o golpe de 64?

**JF:** O golpe de 34?

**Juf:** Não, o de 64... dos militares, em 64.

**JF:** Bom, o golpe de 64 era imprevisível, não é? Porque, o, a... se não houvesse o golpe de 64 talvez nós tivéssemos até hoje com o comunismo aqui no Brasil. O Jango era, era radicalmente comunista, da esquerda mesmo, comunista da, da linha de Stalin, não é? E, o que, desencadeou a revolução de 30, foi um discurso feito na, um comício feito na praça da Estação, no Rio de Janeiro, em que eles se declararam francamente, ele se declarou perante os espectadores francamente esquerdista. //64.// Aquilo foi o estopim. Houve então uma aliança entre Minas, Rio Grande do Sul e João Pessoa e esses declararam a revolução.

[D. Dulce: //E não...//]

**Juf:** //E como// que foi, eh, o apoio, na classe alta aqui em Belo Horizonte? Houve apoio? As pessoas...

**JF:** //Olha, eu// sempre pertenci à classe média, nunca fui classe alta. Mas eu tenho a impressão que o apoio da classe média foi o apoio à revolução. Porque a classe alta, não é? Porque a classe alta tá grudada no seu dinheiro e [...] a campanha do Jango era uma campanha toda comunista. Campanha esquerdista, que ia atingir de uma maneira profunda a classe alta. Atingiria.

**Juf:** Houve um manifesto aqui em Belo Horizonte, que foi assinado por uma porção de pessoas, inclusive médicos. O senhor lembra disso?

**JF:** Não, não lembro. Esta época eu não estava aqui. Esse manifesto foi quando, eu tive notícias dele quando o Leonel Brizola tinha que falar num manifesto, e houve até uma reunião, foi a reunião das mulheres. As mulheres não permitiram que ele falasse. E então o comício foi encerrado, mas a, a, provocado, quase forçado, pela, pela atitude, atitude valente das mulheres.

**Juf:** Agora vamos falar um pouco, eh, da cidade, da cidade em geral.

**Juf:** Como que o senhor viu as mudanças que a cidade passou? O senhor me disse no primeiro dia que depois dos anos 30 a cidade passou a crescer muito depressa.

**JF:** //Como é que é?// Sem comparar Berlim? Para comparar Berlim com Belo Horizonte?

**Juf:** Não. Dizer como que o senhor viu, nesses anos todos, as mudanças aqui na cidade.

**JF:** Ah, sim. A cidade teve mudanças que você mesma deve ter participado em parte. Foi uma mudança tão, tão rápida que deixava a gente estarecido. Eu me lembro que, quando eu fiz essa casa o seu Furtado chegou aqui da janela da minha casa e perguntou à Dulce: "Oh Dulce, que capão de mato é aquele ali?" O capão de mato sabe o que que era? Era onde hoje é o bairro de Lourdes e o campo do Atlético. Em 1930 o governador do Estado era o Antônio Carlos, ele doou à Universidade toda aquela colina onde vocês

tiveram... Seu pai comprou mesmo casa, ele arrematou uns lotes da Universidade. Ele doou à Universidade toda a colina e um pedaço de, de, de terra enorme onde é o campo do Atlético. Tudo foi doação. E, aí a cidade começou a crescer de uma maneira vertiginosa. As, a, os arranha-céus, os edifícios de mais de três pavimentos começaram a brotar de uma hora para outra, e hoje eu não sei, eu não conheço a cidade. Eu, se for no bairro do Sion, eu não sei andar nas ruas lá, não sei. O movimento de, ah, o movimento de 30 para cá são sessenta anos, não é? Nesse movimento de sessenta anos a cidade desenvolveu mais de cem anos.

**Juf:** E o senhor tem saudades de como era, ou o senhor acha bom agora?

**JF:** Em parte eu tinha saudades, mas tinha saudades, se eu pudesse voltar a ser o estudante que era. Não o estudante secundário que fui, o estudante secundário foi, foi uma vida penosa para mim. Mas depois que me formei, depois que eu me formei foi uma vida cor-de-rosa, porque eu tive uma clínica muito grande, muito prestigiada pelos colegas todos. O Osvaldo Melo Campos, que era professor de propedêutica, o professor de grande valor, ele insistiu até comigo que fizesse concurso. Eu só não fui professor porque não havia cadeira de radiologia. Depois, mais tarde é que fundaram a cadeira [...]. Agora lembrar daquela cidade dos tempos em... Quando eu me lembro que o meu irmão falou comigo: "Oh Juquinha - eu chamo Juquinha /ri/ - é melhor você ir para casa, porque a situação de arranjar emprego aqui é difícil". Então tomei o trem, e, o trem passava onde é o viaduto, tinha uma serraria. Era a serraria Souza Pinto. Quando o trem passava na curva da serraria ele deixava a cidade para trás. Quando a cidade foi sumindo, eu senti, e até hoje eu sinto, um nó na garganta, um aperto no coração, uma sensação de derrota que eu jurei comigo mesmo: "Eu não vou ficar na minha terra, eu volto, eu hei de voltar". E cheguei lá e falei com eles: "Eu vim aqui passear, mas eu volto". Voltei e continuei a lutar, mas depois, conforme eu disse, toda a vida eu tive uma luta muito séria, penosa, a parte mais penosa foi quando eu morei no Calafate. Mas depois que eu fiz o concurso do Correio, foi mesmo que ter uma mesada, um estudante de mesada. Eu vivi uma vida de estudante, uma vida alegre. Tinha vários estudantes, eu não cito os nomes porque a maioria já morreu. Eu lembrei agora como a Marlene Dietrich, fazendo um parênteses, não é? - perguntavam a ela se tinha medo de morrer. Ele dizia que não porque "meus amigos todos morreram". Meu amigo mesmo, de grande amizade, que resta até hoje é o Nansen Araújo, o Pedro Sales, que moram aqui e mais dois amigos daquele tempo que moram no Rio, o Abgar Renault e o Ciro dos Anjos. O resto dos amigos... No, no tempo de estudante nós tínhamos amizade, mas era uma amizade, nunca tive uma amizade assim muito profunda, uma amizade fraternal como eu tive por esse amigo Nansen Araújo. Era mais retraído, em matéria de amigos. Tinha o meu, tinha as nossas rodas lá. Um dos grandes amigos meus era o Nava, o Pedro Nava. Com Pedro Nava, o Ricardo Moss, que também era estudante, colega de medicina, não é? Todos morreram. Não sei se eu contei a você o fato do livro do Josué Montana, lá do Desterro. O Josué Montana, o personagem morava na, na, em Alagoas, não é? [??] e mudou para o interior. Mas viveu muito e no interior ele levou uma vida muito austera e acabou perdendo os filhos, ficou com uma ajudante de casa, uma moça que cuidava dele. Essa moça foi engravidada pelo noivo, e o noivo a abandonou. Então ele resolveu voltar para Maceió, para cuidar dela. E veio cuidando dela, até passeava com ela toda tarde de braço. Por isso ele foi muito mal visto na vizinhança, achando que ele fosse o pai da criança. Ele não tomou conhecimento, continuou a levar a vida, era um homem rico e independente. Mas um dia essa empregada dele grávida precisou de uma consulta médica para verificar a evolução da gravidez. Ele foi e

lembrou de um nome de um colega, e passou lá pela rua e viu, viu a placa. Ele disse: "Eu vou levar você a um médico amanhã que é conhecido meu". Então chegou, procurou a secretária: "Fala com o fulano de tal que eu quero uma consulta e que é fulano, amigo dele, que trouxe a moça para consultar". A secretária falou: "Esse que tá aqui não é ele não, é o neto dele". - risos - Então você... É essa a situação, sabe? Com 91 anos a gente lembra de amigo [??], morreu. Eu tenho o meu quadro de formatura, eu olho para ele, morreu, morreu. Outro dia apareceu um aqui em casa que é o único que está, que eu tenho certeza que está vivo até hoje, é que nós chamávamos ele de Pixinguim. Ele dedicou-se à política, foi até presidente da câmara. É, o, é... agora eu esqueci o nome dele. Fulano de tal Pires /Pires?/ Mas a minha turma era uma turma pequena, já são quase todos falecidos.

**Juf:** Quer dizer, então que o senhor venceu a cidade? /Heim?/ O senhor venceu a cidade?

**JF:** Bem, do meu modo, não é? Naquele tempo para mim foi uma vitória, porque, como eu falei, quando eu me lembro daquela curva, que eu quase chorei. Eu nem sei, talvez eu tivesse chorado. Porque você imagina, a gente nem... Meu pai falou com o Romanelli: "Eu tenho um filho que é muito inteligente, ele tirou o primeiro lugar no colégio que fundaram lá, um colégio secundário, não é? E eu era muito orgulhoso mesmo, eu lembro que numa disciplina eu tirei oito e chorei, fiquei indignado por ter tirado oito, porque as minhas notas eram sempre dez, dez, dez. Desde o curso primário até os dois anos de curso secundário no interior. Depois aqui não. Agora em medicina eu também tirei, tirei dez em química que era o pavor da Escola de Medicina. Tinha um professor, o Chiquinho, o Chiquinho reprovava todo mundo, todo mundo saía do primeiro ano por causa do Chiquinho. Chiquinho, que eu não me lembro o nome dele, era...

[D. Dulce: Francisco Magalhães Gomes.]

**JF:** É, o Chiquinho se chamava Francisco Magalhães Gomes. Eu me lembro até hoje que eu fiz uma prova escrita boa, e o Chiquinho, quando dava aula de química, ele ia descrever a fórmula da lecitina, e era uma fórmula complicada. Mas até hoje eu sei de cor, é um - fala a fórmula. Agora você imagina, isso tudo, a gente partia do álcool, ia tirando umas oxidrilas, acrescentando outras, para deduzir até chegar à fórmula da lecitina. Quando... Aí eu falei: "Se cair na prática para mim eu vou tirar dez porque eu vou no quadro negro e vou deduzir a fórmula da lecitina". Você imagina que eu tive a oportunidade. Mas, o, o professor falou comigo: "O senhor me fale o que é a lecitina": Eu falei que a lecitina era um - repete a fórmula - e se o senhor me dá licença eu vou no quadro demonstrar. Ele era fanhoso, não é? "Não precisa, não precisa - fala remendando o professor - "Não vá, não vá não que o senhor já tem dez na escrita" - risos - E eu vaidoso, louco para demonstrar a fórmula da lecitina e ele não deixou.

**Juf:** Tio Ferolla, a gente queria te agradecer demais. /Heim?/ Te agradecer demais. Foi uma ótima experiência.

**JF:** Ah, muito obrigado.

**Juf:** Nós vamos guardar isso com muito carinho. E depois a gente te traz uma cópia da fita e um xerox da transcrição. /Ah, sim./ Que isto vai ser transcrito e depois eu trago //pra você guardar.//

**JF:** //Você achou//, achou que foi bem?

**AT:** Gostou de participar?

**JF:** Você gostou?

**AT:** O senhor gostou? /Heim? O senhor gostou?

**JF:** Eu gostei muito de participar. Quem não gosta de falar no passado? /risos/ Principalmente assim como eu falei na parte que eu sofri. Mas interessante, até o sofrimento a gente gosta de lembrar, não? Eu sofri, lutei muito, e quando eu lembro dessa passagem do trem, eu vejo isso, enxergo como se fosse hoje, o trem - que não tinha outro meio de transporte aqui naquela época - o trem fazia a curva, à medida que ele ia fazendo a curva Belo Horizonte ia sumindo. E com Belo Horizonte sumindo era minha esperança que desaparecia. Deixa eu te mostrar aqui agora...

**FIM DO LADO A DA FITA Nº 3**

**OBSERVAÇÕES: SÓ FORAM REGISTRADOS 25 MINUTOS DE ENTREVISTA DO LADO A DA FITA 3 E O LADO B NÃO FOI GRAVADO.**

**A**

Alemanha, 1, 2, 4

**E**

Escola de Medicina, 8

**G**

Getúlio, 4, 5  
golpe de 64, 5

**H**

Hitler, 1, 2, 3

**J**

Juscelino, 2

**L**

Lindolfo Collor, 4, 5  
linha marginaux, 3

**P**

Pedro Nava, 7

**R**

revolução, 4, 5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: "MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL"

ENTREVISTADORA: PROF<sup>a</sup> JÚNIA FERREIRA FURTADO

CARLOS AUGUSTO MITRAUD

ENTREVISTADO: JOSÉ FEROLLA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 03/06/92

### Entrevista - fita 4 - lado A

**Juf:** ... entrevista doutor José Ferolla 03 de Junho 3ª sessão

**Juf:** Tio Ferolla, você estava querendo falar para a gente hoje um pouco de diversão?

**JF:** Pois é, eu tenho a dizer o seguinte. Que na, em Belo Horizonte, a vida social nos anos 20 girava em torno do primeiro quarteirão da rua da Bahia, vindo da avenida Afonso Pena, no sentido centro-bairro. Então eu vou procurar descrever o que havia naquele quarteirão para justificar essas atividades. Tinha, logo na avenida, tinha um pequeno trecho da avenida que era cortado pela rua Tupis e Bahia. Naquele trecho, logo na esquina, havia a portaria do hotel Globo. Depois o bar do Ponto, que era o famoso bar do Ponto onde se tomava cafezinho sentado e o pessoal se reunia para bater papo. Depois do bar do Ponto vinha a livraria Oliveira e Costa, depois da livraria Oliveira e Costa tinha o Ponto Chic. O Ponto Chic era uma casa de artigos para senhoras dirigido por um português, o senhor Silva, não me lembro o primeiro nome dele. E tinha um atelier de alta-costura. Esse atelier de alta-costura era dirigido pela "madama" Antila Ristch, que era sogra da minha irmã viúva. Havia tanto serviço que ela fez uma sucursal na casa da minha irmã. A minha irmã trabalhava com duas costureiras permanentemente para atender a freguesia da madame Antila. Virando logo e entrando na avenida tinha a, a conhecida casa Jácomo. O carro, o Jácomo vendia loterias, jornais, revistas, e na parede lateral tinha uma fila de cadeiras para engraxates. O Jácomo tinha uma tabuleta interessante, em que ele dizia: "Você era ainda criança e o Jácomo já vendia sorte grande". - ri -. Logo a seguir do Jácomo, acima, seguindo a rua da Bahia para cima tinha o cinema Odeon, que eu já descrevi com detalhes, não é? Do cinema Odeon tem então o Parck Royal. O Park Royal era também uma, uma casa semelhante ao Ponto Chic. Vestes chiques, para senhoras, e dirigido pela Penélope, madame



Penólope, que era irmã de madame Antila Ristch. Depois do Parck Royal tinha então o Café Avenida, Confeitaria Avenida, que era uma conf..., Confeitaria Avenida não, perdi, Confeitaria Elite, que era um ponto chique de reunião dos jovens, dos namorados. Mas nunca que as moças iam sozinhas, ou iam em conjunto ou iam com o, os namorados e os noivos. Naquela ocasião as moças raramente, não saíam mesmo sozinhas não. Depois da Confeitaria Elite, tinha uma célebre tabacaria, hoje até é uma atividade que praticamente não existe, não é? Nessa tabacaria tinha tudo o que havia de melhor para fumantes: cigarros, estrangeiros, o famoso charuto, o charuto cubano, e os clássicos cig..., cachimbos ingleses. Tudo havia nessa tabacaria. Logo acima da tabacaria tinha a Casa Decat que vendia bijouterias. Eu não sei se vendia jóias também, não me lembro. O que eu me lembro com detalhes é que a madame Decat usava e abusava da maquiagem - ri -. Era uma figura conhecida em Belo Horizonte por causa da maquiagem. O auxiliar interrompe para se certificar do nome da casa.

**JF:** Depois da Casa Decat havia a farmácia Americana. A farmácia Americana era uma farmácia conceituada, que permaneceu até que se demolisse o prédio. A Farmácia Americana era dirigida pelo senhor Ismael Libânio, eh... de família até muito conhecida aqui. Ele tinha até dois irmãos que eram professores na universidade. O Samuel, o mais velho, que era professor de engenho (sic), e o Marcelo, que era professor de propedêutica. Continuando a subir a rua da Bahia tinha o sobrado do, do comendador Avelino. O comendador Avelino Fernandes era pouco conhecido, mas ele tinha uma filha Lourdes que era muito conhecida, muito cotada na sociedade. Logo na esquina tinha outra casa residencial, um outro sobrado que eu não me lembro qual era o morador. Aí a gente atravessava a avenida, a rua Goiás e entrava no segundo quarteirão que fazia parte ainda desse conjunto. No segundo quarteirão havia pouca coisa. Tinha um alfaiate italiano de renome, o Alfredo Coscarelli e um restaurante, Estrela, mas que não tinha a fama nem a concorrência do... Restaurante, não, perdão, tinha a Confeitaria Estrela, e que não tinha a fama da Confeitaria Elite. Depois até a rua, até o Grande Hotel não havia nada de mais. Girando para descer a rua da Bahia, no sentido contrário, na esquina, havia a farmácia Abreu, uma farmácia muito antiga, muito conceituada. E depois da farmácia Abreu a única coisa importante que tinha era o famoso restaurante Colosso. O Colosso era um restaurante que não dava para a rua. A gente tinha que atravessar um corredor estreito, e chegava num terraço todo florido com trepadeiras, muito bem cuidado. Era, era dirigido por um senhor italiano também, Domingos da Pieve. Esse da Pieve era um homem muito amável, ele sempre dava um dedo de prosa com os fregueses. E ele tinha uma característica, aos sábados ele oferecia uma macarronada típica italiana, e aos domingos ele oferecia leitoa com farofa. E então, ele era um homem muito tímido, logo quando os fregueses já estavam servidos ele vinha modestamente, quase que pedindo desculpas, e oferecia uma garrafinha de vinho, vinho italiano, dizendo que era gentileza da casa. Eu mesmo, logo que vim para aqui, freqüentava esse restaurante com o Romanelli, e nós tomávamos as refeições de onde eu fico me lembrando dessas características. Depois do restaurante Colosso, parece que tinha um, um, um hotel de, de pouco luxo. E a gente chegava logo na rua Goiás e dava logo de frente com a fachada principal do Teatro Municipal, que parece que eu já descrevi no princípio da entrevista, não é? Descendo a rua da Bahia, na esquina da rua da Bahia tinha um sobrado, eu não me lembro o nome do, do, do proprietário, mas eu lembro o nome das três moças que moravam lá, que eram as Alevatas. Eram umas moças que pareciam que tinham alguma semelhança com o nome, que eram muito levadas, não? E muito

conhecidas em Belo Horizonte. Descendo tinha um outro alfaiate, irmão do Alfredo Batista, que era João Batista Coscarelli. Era um alfaiate italiano e muito bons esses alfaiates. Esses alfaiates, esses dois alfaiates, tinham um hábito, que eu classifíco de hábito promocional. Porque, à tarde, eu não sei se uns dois dias por semana ou apenas sábado, eles se vestiam muito bem, da cabeça aos pés, e faziam um footing pela avenida, como que para mostrar a excelência das suas tesouras, não é? Depois do Coscarelli, ainda na rua da Bahia, no tal famoso quarteirão, tinha a Bomboniere Suíça. A Bomboniere Suíça era dirigida por uma suíça madura que oferecia todas as espécies de bombons, e fabricava umas balas de ... de uvas, de frutas de um modo geral deliciosas com especialidade para balas de uvas que eram muito gostosas. Depois, logo descendo ainda a avenida tinha uma casa famosa, o Trianon. O Trianon era um misto de restaurante e confeitaria. Era dirigido pelo senhor Otaviano, um... O Otaviano era um nortista, de uma figura exótica. Era baixo, calvo, tinha uma cabeça enorme e redondinha, como se fosse uma lua cheia. A figura dele era tão exótica, que uma ocasião ele foi visitar um amigo, e quando abriu a porta, veio um menino e o menino saiu correndo e disse: "Papai, o tutu tá!". - risos - Mas era um homem muito delicado, fazia umas empadinhas que eram um, uma delícia. Ele servia com um chopp geladinho as empadinhas fumegantes ainda, não é? Depois do Trianon tinha a Casa Arthur Hass, que era uma casa de concessionária de automóveis. Era nesse ambiente, é que desenrolava toda a atividade, era toda a atividade social de Belo Horizonte. O Carnaval era, podemos classificar o carnaval de rua e o carnaval de salão. O carnaval de rua consistia num corso, que era um desfile de automóveis, automóveis abertos, capotas arreadas. Esse desfile começava na praça 7, vinha pela avenida, subia Bahia, ia até o Grande Hotel onde hoje é o, o, o /Malleta/ edifício Arcaño Malleta, não é?, e virava a avenida, continuava, descia a Bahia, pegava a avenida, ia até a praça 7 e fazia esse circuito durante várias vezes. Os rapazes geralmente ficavam nesse primeiro quarteirão da rua da Bahia, o famoso quarteirão, munidos de serpentinas e lança-perfume, atirando serpentinas, que quase no final do corso os automóveis estavam tão cheios de serpentinas, não é? Os mais audaciosos subiam mesmo no estribo do carro e atiravam serpent... eh, lança-perfume nas moças. Esse corso, que eu não, se eu me lembro, ia mais ou menos até às nove horas. Às nove o pessoal descia do carro e vinha pro primeiro quarteirão da rua da Bahia fazendo um footing. Um footing misturado, em que aí os rapazes misturavam com as moças, havia batalha de confetes, batalha de lança-perfume, até mais ou menos as dez horas. Às dez horas então eles se recolhiam para os clubes. Havia o clube... Havia três clubes em Belo Horizonte. O Clube Belo Horizonte, que era em cima da casa Jácomo, que era o clube chique, o clube bom de Belo Horizonte. Tinha uma sacada bonita e era o clube freqüentado mesmo pela alta sociedade. Havia um outro clube, Mataquins, era na, na, em Santa Efigênia, mas era freqüentado pelas, pela população local. E havia o famoso Cabaré da Olímpia, que era na zona boêmia. A madame Olímpia era uma... era uma espanhola muito enérgica, que dirigia a casa dela com mão de ferro. Ela era dona do meretrício de Belo Horizonte. As moças de família naquela época, nos anos 20, não se atreviam a descer da rua dos Caetés para baixo. Toda, toda aquela zona era zona minada - risos - É, no cabaré tinha um sa..., eh, eram dois, dois pavimentos. No segundo pavimento tinha um salão muito grande, com tablado, em que tinha sempre boas orquestras e uma mesa onde ela ficava sentada ao lado com, com a cadeira, sentada, a cadeira com a mesinha do lado, que era onde ela fazia a contabilidade dela, porque naquela época parece que não havia máquina registradora, em 1900, nos anos 20. Eu não via máquina registradora. Apesar de ser um, um bar de, um cabaré de, da boemia, a madame Olímpia não admitia nenhuma licenciosidade. Ela fazia questão

absoluta que houvesse a maior, maior moralidade lá dentro do baile, se é que fosse possível falar nisso, não é? E se algum se permitia a, a fazer qualquer coisa que não estivesse dentro dos parâmetros dela, ela com o guarda-costas que tinha lá chamava a atenção. Se ele insistisse ela punha para fora. Lá é, era freqüentado naturalmente por parte da sociedade, não é? Masculina, naturalmente. E nesta, no final do baile, que, às vezes, ia até de madrugada ia-se comer num restaurante que tinha na rua Guaicurus, eu não me lembro o nome dele, mas era um restaurante que servia o melhor bife a rocini que eu já comi até hoje. Bife a rocini é um bife misturado com legume, não é? E aí encerrava o carnaval, tanto de rua como de clube, porque no, o do Clube Belo Horizonte também dançava até mais tarde, não é? Agora o carnaval era uma, uma diversão temporária, não é? uma vez por ano. E, eu descrevi, na ocasião das diversões, que havia a diversão, que havia a diversão era só o cinema. Mas o cinema era diversão permanente, não é? E havia o cinema Odeon, que era o cinema chique, que tinha umas características um pouco exóticas, que eu já descrevi não é?, de um ban..., de um freqüentador que tinha um cadeado, tinha uma cadeira, cadeira cativa que ele tinha um cadeado, não é? E de um outro freqüentador que ia para dormir. A família dele era uma família que tinha muita moça, fazia muito barulho, era o professor Rodolfo Jacó. Ele sentava na primeira fila, cruzava o braço, nem queria ver que filme que estava passando. Virava a cabeça para trás e dormia. E tinha ainda uma característica nesse cinema Odeon, que eu esqueci de mencionar, era o violinista. A orquestra, como era cinema mudo, a, o... o cinema mudo tinha a orquestra que acompanhava o filme. Os músicos geralmente todos lá assistindo, assistiam o filme e iam tocando as músicas já conhecidas, de acordo com os filmes. Mas havia o Florsino Vale, que era um grande violinista, foi o famoso violinista Florsino Vale, que depois ele se tornou professor quando se instalou o Conservatório Mineiro de Música.

[Interrupção na gravação.]

**JF:** Agora, além dessas diversões transitórias, que o carnaval que era uma diversão transitória,... Aliás, além das diversões permanentes tinham as diversões transitórias, que eram as visitas freqüentes que nós tínhamos das companhias de opereta e de comédia. A companhia de opereta eram duas companhias, que eu me lembro, de duas companhias famosas. Tinha a companhia da Clara Vaes que era de origem austríaca, e a companhia da Léa Candini que era de origem americana, que era de origem italiana, a Léa Candini. Essas duas companhias tinham uma equipe muito boa, de cantores, de artistas e exibiam no Teatro Municipal excelentes operetas. As operetas mais, mais, eh, apreciadas pelos belorizontinos eram a Madame Butterfly - ele pronuncia Bederlfly - e A Casa das Três Meninas. A Casa das Três Meninas costumava arrancar lágrimas das platéias - ri - A, agora, as companhias de... companhias de, de... Tinha as companhias de opereta e as companhias de comédia. As companhias de comédia eram três as companhias que freqüentavam Belo Horizonte. Era a companhia do, do Leopoldo Fróes, companhia do, companhia do Leopoldo Fróes, desse outro conhecido até, do Procópio Ferreira, e do Odilon e Cremilda, não é? Cremilda //Dulcimar, interrompe dona Dulce// Dulcinda, é. Do Odilon e Dulcinda. /Dulcinda de Moraes/ Apesar de eu freqüentar eu gostava mais de opereta, de eu freqüentar essas companhias, eu não me lembro de nenhuma peça que eu pudesse citar agora. E assim terminavam as diversões em Belo Horizonte.

**Juf:** Ótimo, muito obrigada.

**CM:** Além dos cinemas, das operetas...

**JF:** //Eu sou um pouco surdo//

**CM:** Além dos cinemas, das operetas, não se fazia passeios pela cidade? /heim/ Não se fazia passeios pelos arredores da cidade? Excursões? /Passeios? Excursões?

**JF:** Passeios eu fui... Se fazia em Lagoa Santa. Mas não muito freqüente. Não tinha hábito de se fazer passeio. E, o único passeio que era feito com alguma freqüência, principalmente para quem gostava de esporte, que eu sempre gostei muito de esportes, era ir remar no teatro, no, no /parque/, no parque municipal. Eu tinha até uma fotografia com o irmão do Celso Melo Azevedo, remando no teatro municipal. Fora disso não havia passeio em Belo Horizonte não. Os estudantes eram mais sossegados, ficavam quietos por aí mesmo, não é? - risos -.

**Juf:** E ia na casa dos outros? É, festas nas casas?

**JF:** Ah, sim! Festas nas casas, eu não sei, eu não... ah... A Dulce está me falando aqui do Arduino Bolivar. O Arduino Boli... O professor Arduino Bolivar era um homem muito distraído e um filósofo muito competente, Arduino Bolivar. Mas ele não, não havia muita festa lá não. Eu não me lembro não. Ele, ele era tão distraído que uma ocasião ele conversou com professor de alemão, Afonso Meiger, convidou o Afonso Meiger para um almoço na casa dele. E, na... ele tinha que sair, vestiu e foi saindo. Quando chegou na porta ele encontrou o Afonso Meiger. Ele falou: "Olá Meiger, você como vai? O que é que você está fazendo aqui?" Ele disse: "Uai professor, eu vim aqui almoçar com o senhor, o senhor me convidou". Ele disse: "Oh Meiger, esqueci. Toma aqui, cinco mil, cinco mil réis, vá comer num restaurante" - risos - Ele era professor também no Colégio Arnaldo. Que naquela ocasião, como eu disse havia o Ginásio Mineiro, que era o professor, que era o estabelecimento de ensino oficial, e havia o Colégio Arnaldo e o Colégio Santa Ma..., Santa Maria não, e o Sagrado Coração, não é? Sagrado Coração, que era da mesma congregação de itali..., de alemães, e o Santa Maria. O Arduino Bolivar era professor do Colégio Arnaldo, professor de português. Um dia ele foi dar aula e chegou atrasado, muito ressabiado, olhando prum lado e pro outro pra ver se não tinha ninguém, e nisso saiu um padre, um missionário lá daquelas portas, e o alemão anda muito depressa, não é? O missionário andou depressa, quando ele olhou para o missionário que estava andando ele disparou a correr, correu na frente dele, veio embora, não deu aula, não - risos -.É o que eu tinha para completar. Se vocês tiverem alguma pergunta, agora.

**Juf:** Fala um pouco de esporte. Clubes para esporte, como é que era?

**JF:** Clube para esporte, os únicos clubes que existiam aqui eram os clubes de futebol. Eram o Atlético e o América. Eram os dois únicos clubes. O América era mesmo no lugar onde é hoje, é o, é o, /Palestra, diz dona Dulce/ onde é... Era o América, o Atlético e o Palestra Itália. Eram esses três clubes. O Palestra Itália era no Barro Preto, o América onde tem esse "shope" que tem ali na avenida, perto do Hospital das Clínicas e o Atlético era também no Barro Preto. O Atlético passou, foi no governo Antônio Carlos, em mil novecentos e trinta e tantos que o Antônio Carlos, eh, doou ao Atlético aquela área enorme, ele doou à universidade e ao Atlético. Aquilo era uma colina que não havia nada naquela colina. O Antônio Carlos fez uma coisa que não foi muito correta, não é? Doar um centro da cidade para um clube de futebol e à Universidade até bem, mas a Universidade não, não, não funcionava, que a Universidade depois foi vendendo os terrenos e passou para o lugar onde ela funciona hoje.

**Juf:** E esses clubes eram só futebol?

**JF:** Eram só futebol, não havia, não natação, não havia piscina. A piscina, a primeira piscina inaugurada aqui foi a piscina do Minas, mas já foi, eu já estava formado, deve ter sido nos anos /Casado, diz dona Dulce/ heim? /Casado/ ... Deve ter sido nos anos 30.

[D. Dulce - 1936, por aí.]

**JF:** Você quer desligar (o gravador) porque a Dulce está lembrando /Não/ Não quer não?

[D. Dulce - 1940 que foi inaugurada /heim?/ 1940 é que foi inaugurada essa piscina. A piscina do Minas foi inaugurada em 1940.]

**JF:** Ah, pois é, a piscina... foi inaug..., foi construída em 1940, conforme a minha mulher está dizendo. E, aí deu um grande impulso ao esporte, principalmente ao esporte aquático. O, a equipe do Minas foi campeã brasileira durante vários anos seguidos. Depois disso, com o estímulo dela, com o estímulo dela, fundou-se o Mackenzie na Serra, que é um clube que fazia também um esporte variado e tinha também uma outra piscina./Olímpico/

**Juf:** Olímpico... Olímpico.

[D. Dulce: Olímpico... Olímpico.]

J. F.: Olímpico. É, não é Mackenzie não, é Olímpico.

[D. Dulce: Mackenzie é aqui no Santo Antônio. Mackenzie é aqui no Santo Antônio.]

**JF:** Mackenzie é esse aqui.

**JF:** Uma coisa interessante no Ginásio Mineiro, lá em cima na Serra, onde hoje é o corpo de bombeiros, não é? O Ginásio Mineiro tinha uma caixa d'água escondida, e nós, às vezes, eu, meu irmão, subia lá e a gente ia tomar banho na caixa d'água - ri -. A caixa d'água tava no segundo pavimento do ginásio - ri - era tanta vontade que a gente tinha que praticar esporte que penetrava lá, dava uma gorjeta para o porteiro e ia tomar banho na caixa d'água que tinha lá em cima. Um água gelada - ri -.

[D. Dulce: Água de servidão? Água potável? /heim?/ Água potável para se beber?]

**JF:** Não, água para tudo.

**Juf:** Para banho, essas coisas, não é? Torneira.

**JF:** É só. Tudo isso que eu lembrava e queria falar. Parece que aí, sobre diversão não...

**Juf:** Foi ótimo.

**JF:** Completou, não é? Com aquela?

**Juf:** Completou.

**JF:** Que eu lembrei muito bem da...

**Juf:** Principalmente essa coisa da rua da Bahia. Essa descrição da rua da Bahia foi ótimo.

[Interrompe-se a gravação.]

**JF:** O Corso. Naquela época, os automóveis todos tinham estribo, não é? E capota. Eles arreavam a capota e ficavam, fantasiavam. Depois de, depois do corso eles iam para o Automóvel, para, para o Clube Belo Horizonte dançar. Porque o Clube Belo Horizonte expunha uma toilet de senhoras muito, muito bem montada que elas podiam retocar a sua maquiagem lá para elas dançar. Havia uma orquestra muito boa.

[D. Dulce: Ninguém usava maquiagem.]

**JF:** E as respectivas cadeiras contornando os salões, porque antigamente - parece que no Automóvel Clube ainda tem umas cadeiras contornando o salão, o salão de baile, não é? São as cadeiras das fiscais, as mães ocupavam essas cadeiras laterais para fiscalizar as filhas dançando, não é? - risos.

**FIM DO LADO A DA FITA Nº 4**

**FIM DA ENTREVISTA**

**OBSERVAÇÃO: SÓ FORAM REGISTRADOS 25 MINUTOS DO LADO A DA FITA Nº 4 E O LADO B NÃO FOI GRAVADO.**

**A**

Antônio Carlos, 7  
Automóvel Clube, 9

**B**

bar do Ponto, 1

**C**

Cabaré da Olímpia, 4  
cinema mudo, 5  
Clube Belo Horizonte, 4, 9

**D**

diversão, 1, 5, 6, 9

**F**

footing, 3

**G**

Ginásio Mineiro, 7, 8

**M**

Mackenzie, 8  
Malleta, 4  
Mataquins, 4

**O**

Odeon, 2, 5

**P**

Parck Royal, 2  
Ponto Chic, 1

**T**

Teatro Municipal, 3, 6  
Trianon, 4